

# RENOVAR:

0 0 1



ESCOLA ARTÍSTICA DE SOARES DOS REIS

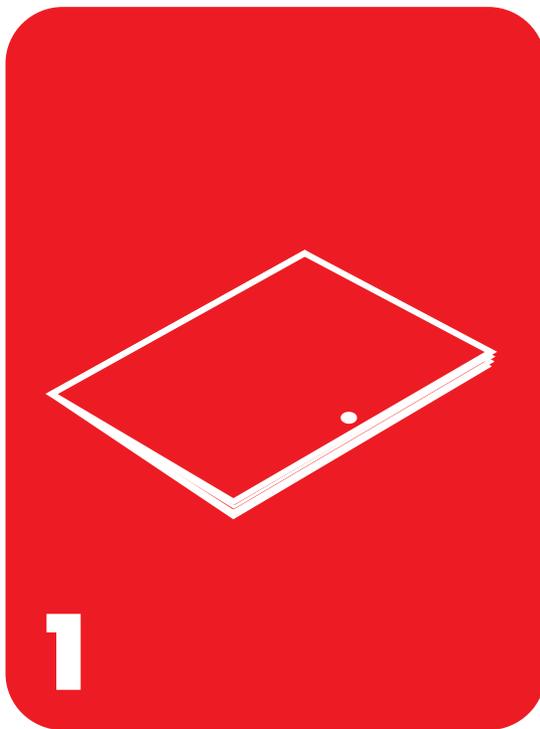
PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO DAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS

PARQUE ESCOLAR

# PIN:UP

system

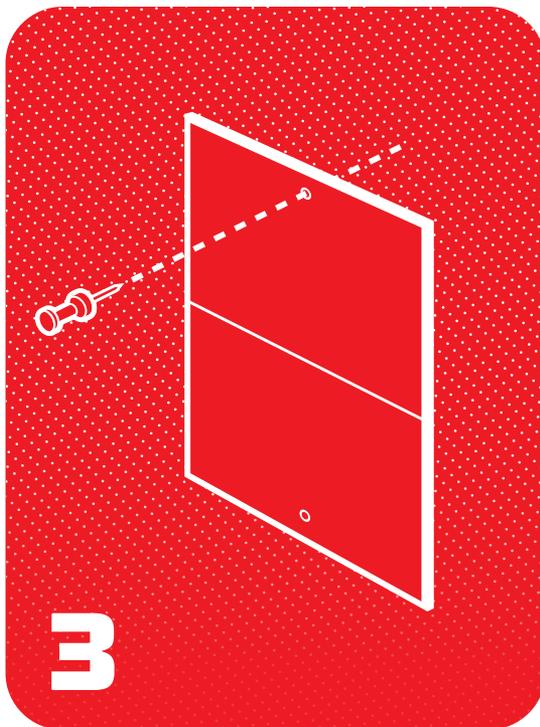
**Renovar:** é uma publicação muito apelativa e exibicionista que não gosta de ficar esquecida nas prateleiras. **Pin-Up** é um sistema que lhe permite alegrar o seu espaço com qualquer número da **Renovar:**



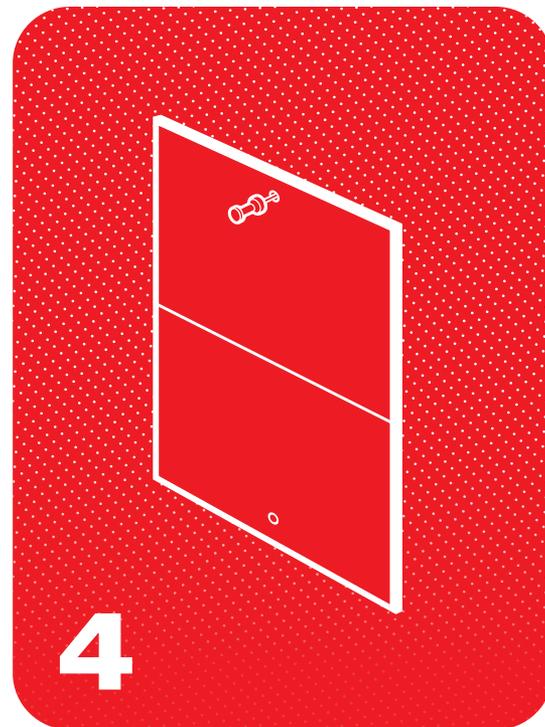
Todas as publicações têm um orifício em cada página, possibilitando pendurá-la para exposição, aberta ou fechada.



Abra a publicação nas páginas desejadas.



Pendure numa parede usando um dos orifícios.



Mude de página sempre que quiser.

# RENOVAR:

## SOARES DOS REIS

Coordenação  
**Teresa Heitor**

Editoriais  
**Patrícia Reis**

Assistência de coordenação  
**Hélder Cotrim**  
**Catarina Frazão**

Design  
**Albuquerque Designers**

Fotografia  
**Foto Engenho, Projectos**  
**e Serviços de Fotografia, Lda.**

© De esta Edição: ME  
© Da obra: ME  
© Dos textos: ME

ISBN  
**978-989-96106-0-6**

Depósito Legal

Tiragem  
**1.000**

# R

estruar o Parque Escolar pode parecer, à partida, uma tarefa árdua e difícil, complexa e financeiramente significativa. É tudo isso e mais: um desafio gratificante, uma renovação de espaços ocupados sistematicamente por professores, funcionários e novos alunos, uma aproximação à comunidade.

Na passagem de um projecto à concretização confrontámo-nos com muitos obstáculos, é certo, mas na fase final é extraordinário perceber a adesão da comunidade escolar a quem se destina, registar as suas memórias e entender que estamos a construir espaços de futuro e com futuro.

A escola não é um local de passagem. É um refúgio, uma cápsula protectora onde se projectam sonhos e ideias, onde crescemos e aprendemos a conviver. É aqui que podemos adquirir conhecimento e ferramentas para construir o futuro. A escola é um lugar fundador de princípios e valores. Deverá ser entendido nessa dimensão humana para que possamos valorizar de forma real e eficaz as escolas que temos.

Importa agora preservar o trabalho feito. A renovação do Parque Escolar obedeceu a critérios de qualidade e de inovação, espelhando preocupações ambientais e de gestão de relações humanas. A renovação dos equipamentos escolares, este projecto que se concretizou e no qual se apostou o máximo de esforços, não se limitou a ser uma operação à superfície.

A renovação foi profunda, indo ao encontro das necessidades reais de cada população escolar, aceitando diferenças, compreendendo tradições e a história de cada estabelecimento de ensino. Ao mesmo tempo, imprimiu-se um espírito de modernidade, abrindo os espaços, seleccionando materiais e criando soluções potencialmente eficazes para cada projecto curricular. Um dos motes desta modernização do Parque Escolar implicou a aceitação de que as escolas não são todas iguais, os generalismos, ideias feitas e preconceitos, foram recusados.

Cada escola foi entendida como uma velha casa que precisava de carinho, de uma nova face, melhor e funcional, aberta à comunidade e às pessoas. Cada escola vale por si. Ontem, hoje e amanhã.

Teresa Heitor  
*Vogal do Conselho de Administração da Parque escolar, EPE*

## Índice

### Enquadramento Institucional | 04

Texto da Sr<sup>a</sup> Ministra da Educação  
Texto do presidente da Parque escolar

### Perspectivas de um Presidente do Conselho Executivo | 06

Alberto Teixeira

### 110 Anos | 08

Texto comemorativo

### O Programa de Modernização em Linhas Gerais | 12

### Uma Vida Nova | 20

Carlos Prata, Arquitecto

### Repensar o Edifício | 26

Carlos Prata, Arquitecto

### A escola Secundária Artística Soares dos Reis no Porto | 28

Alexandre Alves Costa, Arquitecta

### Testemunhos | 36



# PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO

**A** escola é, por definição, espaço de aprendizagem, de crescimento e de preparação para um futuro que se quer potenciado por parâmetros de qualidade.

Maria de Lurdes Rodrigues  
Ministra da Educação

A escola secundária moderna nasce, em Portugal, em 1906, há mais de 100 anos, com a criação dos liceus nacionais centrais, o Alexandre Herculano e o Rodrigues de Freitas (no Porto), o Pedro Nunes, o Camões e o Passos Manuel (em Lisboa).

As escolas secundárias apresentam desde então duas características distintivas.

Em primeiro lugar, no plano curricular, uma organização baseada em conjuntos e sequências de disciplinas e numa coordenação do trabalho pedagógico dos professores. Antes, não existia organização curricular como hoje a conhecemos, mas apenas uma justaposição de disciplinas avulsas.

Em segundo lugar, no plano das infra-estruturas, a concepção e construção de raiz de edifícios destinados ao ensino, dispendo das características adequadas a “uma educação activa, a um ensino de características práticas e experimentais, que se dirige ao corpo e à mente dos alunos”. O cuidado posto na edificação e no apetrechamento de instalações laboratoriais, de salas para disciplinas de desenho e trabalhos manuais, ou de espaços para a prática da educação física é bem revelador de um projecto pedagógico que permite interpretar o programa de construções escolares nessa altura definido (Nóvoa, História dos Liceus). Antes, o ensino secundário realizava-se em edifícios que não tinham sido construídos com essa função.

Desde então, o país fez um enorme e continuado esforço de expansão da rede de escolas, de escolarização e de actualização de currículos e programas de ensino secundário.

O maior esforço concentrou-se no pós-25 de Abril, com a construção de 77% das escolas hoje existentes, cerca de metade das quais na década de 80. Há uma enorme diferença, no que respeita a robustez, entre as escolas construídas antes e depois do 25 de Abril, uma vez que nos últimos 30 anos o crescimento rápido só foi possível com o recurso à pré-fabricação e à construção económica.

Temos hoje escolas, algumas com cerca de 100 anos, envelhecidas, outras com cerca de 50 anos, degradadas, e muitas outras, bem mais recentes, que não estão preparadas para o futuro.

A maioria dos edifícios que constituem o parque escolar apresenta sinais vários de degradação física e ambiental e de obsolescência funcional resultantes do desgaste material a que os edifícios têm sido sujeitos, da alteração das condições de uso iniciais decorrentes, por exemplo, da evolução dos currículos, bem como, em alguns casos, da sua sobre-ocupação. Estes problemas são ainda o resultado da ausência de um modelo eficaz de financiamento e de programas continuados de conservação e de manutenção dos espaços escolares.

O programa de modernização das escolas secundárias visa, justamente, preparar as nossas escolas para o futuro, para que seja possível formar em melhores condições as actuais e futuras gerações de jovens.

São três os objectivos fundamentais deste programa.

Em primeiro lugar, o programa visa a melhoria da qualidade dos espaços físicos e do equipamento, como condição para a melhoria da qualidade das práticas de ensino e de aprendizagem.

Uma escola moderna, a tempo inteiro, adequada às exigências curriculares e de inovação, deve oferecer espaços de trabalho e de estudo, multi-funcionais, espaços de socialização e de abertura à comunidade, bem como infra-estruturas de comunicação e condições de habitabilidade.

Uma escola modernizada contribuirá para o bem-estar de alunos, professores e pessoal não-docente, ajudando a criar laços entre estes e o espaço envolvente e favorecendo a participação de todos no projecto educativo.

Em segundo lugar, o programa de modernização das escolas enquadra-se numa estratégia mais ampla que visa atrair alunos para o ensi-

no secundário, em particular, para os cursos profissionais.

Para cumprir este objectivo, precisamos de escolas modernizadas, dotadas de equipamentos de qualidade e capazes de responder aos desafios do uso intensivo de tecnologias de informação e comunicação, do trabalho oficial e experimental e de outras actividades complementares à sala de aula.

Por fim, este trabalho de modernização do parque escolar deve valorizar a integração das escolas na paisagem e na vida das cidades.

Alguns dos edifícios escolares, em particular os construídos ao longo da primeira metade do século XX fazem parte de um património urbano fortemente valorizado pelas populações.

A modernização destes edifícios, sobretudo quando articulada com processos mais vastos de requalificação do tecido urbano envolvente, deve pois procurar reforçar os laços que ligam as escolas não apenas à história das cidades e dos seus habitantes, mas também ao seu futuro projectado.

Esperamos hoje, como há cem anos, dar passos decisivos na modernização do ensino secundário do nosso país. E esperamos que essa modernização contribua para alcançar o objectivo que o Governo se propôs: o secundário como o nível de qualificação para todos os jovens ●

**E**m Março de 2007 arrancámos para este ambicioso desafio de requalificar e modernizar 330 escolas até ao ano de 2015, cumprindo o Programa de Modernização do Parque Escolar destinado ao Ensino Secundário, aprovado pela Resolução de Conselho de Ministros nº 1/2007.

João Sintra Nunes  
Presidente da Parque Escolar

No passado recente as construções escolares procuraram responder ao desafio da massificação do ensino, canalizando todo o esforço financeiro para a construção de novos edifícios e para o alargamento da rede a todo o território nacional (78% do parque escolar construído nos últimos 40 anos).

O Programa de Modernização do Parque Escolar destinado ao Ensino Secundário procura responder ao desafio da qualificação dos edifícios escolares.

#### REQUALIFICAR E MODERNIZAR OS EDIFÍCIOS

Pretendemos potenciar as condições para a concretização de uma cultura de aprendizagem alargada, facilitando a divulgação do conhecimento e aquisição de competências, assente em seis vectores de intervenção:

Corrigir os problemas construtivos existentes; Melhorar as condições de habitabilidade, com particular ênfase na acústica, higrótérmica, qualidade do ar, segurança e acessibilidade; Adequar os espaços e modernizar os equipamentos dos laboratórios e oficinas, bibliotecas e centros de recursos, redes e salas de tecnologias de informação e comunicação, secretarias e zonas de recepção ao público em geral; Garantir espaços de trabalho e de pausa para o corpo docente, bem como adequados espaços para convívio e trabalho informal de alunos; Garantir flexibilidade e adaptabilidade dos espaços à diversidade curricular e à evolução das práticas pedagógicas, de modo a maximizar a utilização e a minimizar investimentos no futuro; Garantir a eficiência e auto-suficiência energética dos edifícios escolares, face ao aumento significativo dos consumos previstos resultantes do reequipamento dos edifícios escolares.

#### ABRIR A ESCOLA À COMUNIDADE E UM SISTEMA DE GESTÃO

Temos como objectivo também o recentrar a escola nos meios urbanos em que se inserem, criando condições espaço funcionais e de segurança, para que nos horários pós ou extra escolares, os edifícios possam ser utilizados pela comunidade no âmbito das actividades associadas à formação pós-laboral, aos eventos culturais e sociais, ao desporto e ao lazer.

Para garantir a sustentabilidade do programa ao longo do tempo é fundamental a concepção e adaptação de um modelo de gestão que garanta, após a operação de requalificação, o fomento da correcta utilização das instalações e dos equipamentos, formando, acompanhando e responsabilizando os utilizadores; é, ainda,

fundamental garantir a plena utilização das instalações e, por fim, dar uma resposta eficaz às necessidades de intervenção pontual de reparação ou às intervenções programadas de conservação e manutenção.

#### A CONCRETIZAÇÃO DO PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO

A prioridade das intervenções é definida em conjunto com o Ministério da Educação, em estreita articulação com as Direcções Regionais de Educação, atendendo o grau de degradação dos edifícios; a carência de instalações em função do número de alunos previstos; a gestão optimizadas dos financiamentos comunitários disponíveis e ainda a adaptação ao modelo de contratação, garantindo escala por região.

Sobre a metodologia de abordagem das intervenções, importa sublinhar que após a selecção das escolas a intervir, se inicia um percurso conjunto, envolvendo cada escola, a Parque Escolar e os projectistas. Este processo implica a definição do programa da intervenção, pelo acompanhamento das diversas fases de projecto e pela fixação do faseamento construtivo da obra. A participação de cada escola é uma marca do Programa, uma nova forma de trabalhar na Administração Pública, em que os utentes são participantes activos na definição, desde a definição do programa de intervenção até à conclusão da obra.

Em Junho/Julho de 2007 iniciaram-se quatro intervenções piloto, abrangendo seis instituições de ensino. O objectivo era o de aprofundar, consolidar e aferir conceitos programáticos de intervenção, práticas construtivas e orçamentos de intervenção.

Até 2014 serão requalificadas instalações correspondentes a 330 escolas com ensino secundário, abrangendo uma população estudantil de cerca de 400.000 alunos. Trata-se de um investimento sem paralelo nas construções escolares, correspondente à intervenção em 4,2 milhões de m<sup>2</sup>, dos quais cerca de 70% são de requalificação integral.

O Programa de Modernização do Parque Escolar Destinado ao Ensino Secundário constitui uma das maiores operações de requalificação global e integrada de edifícios escolares na Europa. É um desafio para a Administração Pública, para Arquitectos e Engenheiros, para o sector de serviços de fiscalização e gestão de segurança e para a indústria da construção civil e obras públicas. Esperamos que todos os parceiros desta operação estejam à altura do desafio para que juntos possamos construir escolas de futuro ●



# PERSPECTIVAS

## DE UM PRESIDENTE DE CONSELHO EXECUTIVO

Alberto Teixeira  
Presidente de Conselho Executivo

*Foram cento e vinte e quatro anos de espera!*  
Cento e vinte e quatro anos de insatisfação  
tenuemente mitigada com pequenas obras  
de adaptação e sistemática ocupação de  
espaços, roubados aqui e ali.

# A

té 1928 a escola (ainda chamada Escola Industrial Faria Guimarães – Arte Aplicada) viveu em casa alugadas, sem condições mínimas para albergar as oficinas duma filha da Revolução Industrial. Em 1927 foi-lhe cedida uma fábrica de chapéus desactivada e aí passou a viver até aos nossos dias. Nesse edifício da Rua da Firmeza, a escola cresceu, modernizou-se, foi-se actualizando sempre com o objectivo de servir os alunos, a cidade e o ensino das artes. Nos 80 anos de permanência construiu um estatuto de escola de qualidade. Criou novos cursos, introduziu novas metodologias, deu respostas dignas ao sentir dos tempos e viu passar pelos seus espaços alunos que mais tarde seriam nomes de referência no panorama das artes, outros teve-os como professores e mestres. Cento e vinte e quatro anos depois renasce a expectativa. Um novo edifício, feito a pensar na escola, nos seus cursos, na sua vontade de crescer e dar resposta ao que o futuro vai anunciando no horizonte. Movimentaram-

se vontades e cresceu a esperança. É agora! Sim, é agora que a Soares dos Reis vai rasgar os espartilhos que a sufocaram durante anos e lhe tolheram os movimentos. Finalmente, uma escola dimensionada para a procura que tem, capaz de diversificar ofertas, servir a comunidade, captar parceiros para projectos que dinamizem as artes visuais e os audiovisuais. As ideias vão surgindo de todos os lados. Algumas acordam de longos anos de letargia, outras de tantas vezes serem adiadas já se julgavam esquecidas. Há agora espaços, há meios, continuam a existir vontades que o nosso lema não nos deixa esquecer **“Deus quer, o homem sonha e a obra nasce”**. Como se poderá sentir um presidente de Conselho Executivo neste vórtice de acontecimentos? Grato por pertencer à Soares dos Reis, feliz pelo que vê nascer à sua volta, com muita esperança no futuro que está a ser trabalhado por todos, professores, alunos, funcionários, encarregados de educação, Ministério da Educação, Parque Escolar e tantos anónimos que de boca em boca vão espalhando: **“A Soares dos Reis vai ser uma escola fascinante”** ●



ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO DE OLIVEIRA MARTINS

# 110 ANOS

7 DE JANEIRO DE 1896 A 31 DE AGOSTO DE 2006

**S**ou a Escola de Oliveira Martins. Edigo “sou” e não “fui”, porque apesar de as minhas portas terem sido encerradas no dia, quente e claro, de 31 de Agosto de 2006, continuo viva no

coração de muitos.

Uma escola não vive do edifício que ocupa, mas das gentes que albergou, acarinhou, deu pousada, formou e ajudou a crescer. À semelhança do ensino à distância, uma comunidade educativa pensa em mim, recorda-me, conversa comigo e continua a sua aprendizagem e formação na vida e para a vida. Por isso, não sinto mágoa, nem tristeza, nem saudade.

Tudo tem um princípio e um fim. Nada é eterno. Nada é nosso. Nada é seguro. E ainda bem. Sinal que o sonho comanda a vida. O importante - o que vale a pena - quando nos fecham as portas, é sentir que cumprimos a nossa missão. O importante - quando se olha para trás - é ter a certeza de que os trilhos que deixámos são o resultado do tudo que se podia fazer e foi feito, sem medo nem cobardias, mas com arrobo e grandeza. Nesse último dia, como diz José Gomes Ferreira, *“cansados, fartos do mesmo sol a fingir de novo todas as manhãs, devemos convocar os amigos mais íntimos para o ritual do Grande Desfazer e, em traje de passeio, solenemente, com passos de reter tempo, fatos escuros, olhos de lua de cerimónia, virámos todos assistir à despedida”*.

E foi assim que aconteceu.

Hoje, ano de 2008, fui convocada para restabelecer a comunicação. Fui convocada para uma conversa, convivência entre os que falam e convergência em nós próprios, uma espécie de retorno às origens.

Nasci a 7 de Janeiro de 1886, na vigência do reinado de D. Carlos I, na antiga *mui nobre* sempre leal e invicta cidade do Porto, lá para os lados

da Ribeira, perto do rio Douro. A minha primeira morada foi um cantinho do Palácio da Bolsa1, acabado de construir em Outubro de 1850 e inaugurado em 1891. Escola Elementar Comercial Portuense foi o meu primeiro nome. O meu nascimento, há muito esperado, foi festejado nesta cidade, que tanto prezava a sua origem comercial ao ponto de não consentir moradores que não vivessem de seus misteres e mercadorias.

Tudo começou em 1834 quando José Ferreira Borges convoca todos os comerciantes e comprova a necessidade da criação de uma Associação para defesa dos interesses do comércio. O Palácio da Bolsa, construído com o dinheiro resultante de um imposto especial que caía sobre as mercadorias em trânsito pela Alfândega, deu guarida a esta Associação Comercial, presidida pelo barão de Massarelos.

Em 1860, a Associação Comercial do Porto cria uma Aula de Comércio para que a “sua classe pudesse receber a teoria e prática de que carece, conforme o exige a civilização da actualidade”. Foi tão lisonjeiro o resultado desta iniciativa que a Associação Comercial não descura, antes porfia tenazmente em criar um Curso de Comércio. É assim que, em 1894, Henrique Carlos Meireles Kendall, presidente da Direcção da Associação Comercial, propõe que nas instalações vagas dos bancos União e Mercantil Portuense se crie uma escola prática de ensino. E assim surjo eu:

*“Podemos finalmente dar-vos notícia da realização de uma antiga e justificada aspiração da classe comercial e, portanto, da nossa corporação, identificada sempre aos sentimentos e interesses que representa, qual tem sido esta da*

*criação de uma escola prática de comércio, no próprio edifício da Associação Comercial, administrada por ela, e aonde a mocidade estudiosa desta cidade, que durante o dia se ocupa nas diferentes funções do mister auxiliar do comércio, pudesse, à noite, encontrar e adquirir os conhecimentos teóricos e práticos, tão indispensáveis ao modo de ser actual do comércio e que devem, mais tarde, constituir a base mais sólida para o desenvolvimento e proveito da carreira comercial”*

[ Relatório das Actas da Direcção, no ano de 1895 ]

No primeiro ano de vida ofereci quatro áreas de formação: Língua Portuguesa – Prática de Correspondência Comercial, Aritmética Prática e Rudimentos de Geometria Sintética, Corografia de Portugal e Colónias – Noções de Geografia Geral e de História Pátria, e Inglês, esta última criada porque “o conhecimento das línguas, especialmente as das nações consideradas como grandes empórios mercantis, tendo hoje uma capital utilidade na vida do comerciante, deve fazer parte integrante de qualquer curso de habilitação de empregados de comércio”. Foram 73 os alunos inscritos, correspondendo a 285 matrículas.



# ESCOLA ARTISTICA DOS SOARES DOS REIS

Não tive infância nem adolescência. Cresci de um dia para o outro. O aumento da frequência foi tal que em 1899 atingi as 640 matrículas e, a partir de 1900, as instalações já não satisfaziam as necessidades. As minhas salas já não podiam comportar toda a população que desejava matricular-se. Houve necessidade de desdobramentos em algumas disciplinas, de uma selecção dos alunos no acto da matrícula assim como da introdução da possibilidade de se obter a formação em regime voluntário. Todos os anos eram elaborados Relatórios de Avaliação do meu funcionamento assim como resumos dos movimentos económicos anuais. Lembro o primeiro ano, em que a receita foi de 2:691\$500 reis e a despesa de 2:449\$111. Os professores auferiam um ordenado de 400\$000 reis e os serventes de 90\$000.

Havia já um Regulamento Interno, actualizado todos os anos. As cadeiras/disciplinas foram aumentando, fazendo face às solicitações e necessidades de formação. Foi assim que foram introduzidas no currículo: Caligrafia, Francês, Geografia, Educação Moral e Cívica, Estenografia, História, Noções de Comércio, Álgebra, Física e Química, Contabilidade, Dactilografia, Direito, Tecnologia, Desenho e Alemão. Com a passagem do tempo, algumas foram alteradas e trocadas, tendo sido criada uma tabela de equivalências entre as antigas e as novas.

Os meus directores, empenhados e entusiasmados, preocupavam-se comigo e estavam atentos a tudo, desde a iluminação, o gás, que “tinha sobre os outros combustíveis as vantagens duma fácil limpeza, economia de tempo e de dinheiro, manejo fácil e poder iluminante considerável”, passando pela ventilação, pelo mobiliário ergonómico, adequado aos alunos, de diferentes faixas etárias, até à criação do Gabinete de Física e do pequeno Laboratório

Químico. Ano após ano, reflectia-se o trabalho desenvolvido, de forma a que eu estivesse apta a responder a todas os desafios que iam surgindo: reflexões e análises sobre métodos e estratégias de aprendizagem, considerações sobre a falta de assiduidade e fraco aproveitamento - culpas imputadas à facilidade e baixo custo das matrículas e ao facto de haver alunos matriculados em obediência aos pais. Criticava-se de forma construtiva os programas e salientava-se a necessidade de estes não se reduzirem a uma catalogação, mais ou menos árida, mais ou menos lacónica, de epígrafes de matérias. Chamava-se também a atenção para a diferença entre o ensino profissional e o ensino do liceu que, considerava-se, obedeciam a fins diferentes e destinavam-se a populações diversas. Dava-se ao professor a responsabilidade de distinguir os assuntos que eram de utilidade real e imediata e o dever de estudar os melhores meios de tirar o máximo resultado das suas lições.

Não havia indisciplina. Só um caso, de vez em quando, para o qual era proposto uma penalidade severa. Lembro-me de uma greve académica, de Abril a Maio de 1907 e de uns tumultos, resultantes de desavenças suscitadas no seio do corpo docente, que levaram ao meu encarceramento, em Agosto e Dezembro de 1907.

Paulatinamente, a Associação Comercial vai perdendo a ingerência directa sobre mim, submetida ao regime do ensino elementar comercial, e deixa de me custear. Esta situação, o aumento do número dos alunos - 900 em 1927 - e a necessidade das salas que eu ocupava para o serviço da Associação contribuíram para a minha mudança, em 1928, para um edifício da Rua das Taipas, na altura, vago e de propriedade estatal.

A minha designação, o meu nome, foi também alterado, em 1915, para Escola Comercial de Oliveira Martins, ano em que foi instituído o “Prémio Oliveira Martins”, em paralelo e com função semelhante ao prémio “Pedro Ivo”, já existente, atribuídos, respectivamente, aos alunos melhores classificados em cada um dos três anos do curso e ao aluno melhor classificado no ano lectivo.

A frequência continua a aumentar. Em 1941, nova mudança. Desta vez para a Rua do Sol, nº 28, perto da Batalha.

Foram anos de muito trabalho, de muitas dúvidas e inseguranças, mas também de muitas alegrias e sucessos. Vidas a palpitarem vida. Espaços novos e mais alargados permitiram a concretização de outro tipo de actividades e a expansão das expectativas e dos horizontes dos muitos alunos e alunas que me procuravam, para iniciar ou completar a sua formação.

A criação da Caixa Escolar, em substituição da Associação Escolar dos Alunos, ajudou à concretização de alguns sonhos adiados.

Foram efectuados intercâmbios com escolas do país vizinho. Foi criada a Biblioteca da Caixa Escolar. Organizou-se um Orfeão. O Desporto Escolar nasce e organizaram-se provas de atletismo, formou-se uma equipa de Andebol e uma outra de Remo. Havia ainda uma Secção Escutista, que dinamizava acampamentos, passeios escolares, visitas de estudo e ainda saraus dramático-musicais e literários no Colégio Almeida Garrett. Organizaram-se ainda conferências récitas de estudantes e sessões solenes no Teatro Carlos Alberto. Tudo foi levado a bom porto.

E a afluência aumentava. A insuficiência das instalações foi, mais uma vez, uma realidade que tivemos de enfrentar.



A 23 de Maio de 1970, é inaugurada a minha última morada, desta vez, um edifício construído de raiz, na Rua Major David Magno, mesmo coladinha à Rua Fernão de Magalhães, perto da Praça Francisco Sá Carneiro. Dotado de espaços adaptados ao bom funcionamento do Curso de Comércio, chegou a acolher 2000 alunos, ultrapassando a minha dotação.

Depois, a partir de 1990, a evolução demográfica do concelho e da área metropolitana, onde estava inserida, associada à evolução do ensino técnico, à transformação do mundo e da vida das gentes provocaram uma diminuição do número de alunos, que se foi acentuando, assustadoramente, com o passar dos anos. Em 1997, a população discente era equivalente à do início do século.

O tempo foi apagando e reduzindo ao esquecimento as razões que motivaram o meu nascimento. Havia uma espécie de “menu” oferecido a todas as escolas do país. Fui perdendo a minha identidade e, desta vez, a população do Porto não se insurgiu, agora, atarefada e mergulhada no sector terciário. O esbatimento entre o ensino liceal e o ensino técnico veio a dar-me a machadada final. O Plano Nacional de Emprego (PNE), e a subsequente aprovação do Plano Regional de Emprego para a Área Metropolitana do Porto (PREAMP), não chegaram para me reabilitar, apesar de o meu Projecto Educativo estar vocacionado para a educação de valores, para a inovação tecnológica, económica e social, para a importância da articulação entre a educação formal e não formal e informal, para a preparação para a vida, para uma educação/formação personalizada.

Muitos foram os cursos profissionais e tecnológicos propostos, orientados para a inserção na vida activa, que não tiveram a frequência e a continuidade desejada. A aposta no Ensino de Adultos também não redundou em sucesso.

Começaram a anunciar a minha morte. A verdade é que ninguém se junta aos que estão a enfraquecer, aos que estão fracos, mesmo que tenham muita qualidade e um passado capaz de os libertar do esquecimento.

No dia 15 de Março de 2004, ainda sonhei que, afinal, a morte tantas vezes anunciada, ia ser varrida dos meus horizontes. Acordei com força renovada e paz na alma.

Nesse dia glorioso vesti as melhores roupas do enxoval, tirei para fora o serviço pintado à mão, para um cafezinho aconchegante, e os talheres de prata para um bolo de laranja, feito em casa. Toda esta azáfama, para receber com dignidade e aprumo, como as gentes do norte o sabem fazer, Sua Excelência o Ministro da Educação, o Director Regional de Educação do Norte, o Presidente da Microsoft e

seus representantes. Ia ser inaugurada a 1ª Sala TIC do país. Eu, recentemente nomeada como Escola de Referência, tinha sido a escolhida. O presente prometia um futuro árduo, mas apaixonante.

Mas não. Sonho desfeito. Tinha mesmo chegado ao fim a minha missão. Não cheguei a ser a prometida Escola de Referência. Não tem importância. Já tinha sido. E continuarei a ser uma Escola de Referência para a cidade que me viu nascer.

Hoje, presto a minha homenagem a todos aqueles, alunos, professores, auxiliares da acção educativa, empregados administrativos, pais, encarregados de educação e tantos outros, que, vivendo fora das minhas portas, desde 1896 a 2006, envidaram todos os esforços para que eu me mantivesse de pé, actuate, viva ... até ao fim.

E se, nos últimos anos, neguei as minhas origens, navegando noutros mares e tentando criar raízes noutros terrenos, fi-lo lucidamente, com a convicção plena de que estava a cumprir a minha função, dando tudo o que podia e o melhor que sabia àqueles meninos e meninas que me bateram à porta, solicitando uma forma para as suas vidas •

**ESOM** - Julho de 2008





# O PROGRAMA DE MODERNIZAÇÃO

## EM LINHAS GERAIS



O objectivo do programa de modernização das escolas destinadas ao ensino secundário (PMEES, criado por Resolução de Conselho de Ministros a 3 de Janeiro de 2008) assenta em princípios de exigência de qualidade, colocando o ensino português como potencial referência internacional. Ao mesmo tempo, pretende-se promover nos espaços escolares a divulgação de conhecimentos, informação, competências dos alunos, estimulando e apoiando a aprendizagem e formação de uma forma integrada, a tempo inteiro e envolvendo a comunidade exterior. Este programa contempla intervenções em 332 escolas, fortalecendo uma potencial rede escolar nacional o que, estrategicamente, confere importância absoluta a este programa e à construção de uma nova cultura de aprendizagem.

A modernização dos espaços escolares expõe ainda a enorme relevância do espaço físico e da sua habitabilidade com qualidade. Um dos objectivos é o de criar espaços que possam ajudar a desenvolver nos indivíduos um grau de conforto e possibilidades de desenvolvimento de trabalho coincidentes com os valores educativos promovidos pelos programas curriculares, estimulando e favorecendo o trabalho educativo, o rendimento e o bem estar da população estudantil, professores e pessoal não-docente. A concepção arquitectónica, a gestão e manutenção do espaço escolar são uma mais-valia que se deve promover e reforçar no futuro imediato.

Uma escola revalorizada e prestigiada em termos da qualidade dos serviços de educação que proporciona com sua implantação real e simbólica no tecido social e urbano, deverá ser capaz de responder com sucesso às necessidades da comunidade educativa e da população em geral.





## RAZÃO DE SER

O grande esforço das últimas quatro décadas no que se refere às infra-estruturas escolares concentrou-se sobretudo na expansão da rede escolar, recorrendo-se à aplicação de soluções-tipo e à construção normalizada e em série.

Tal esforço não permitiu desenvolver em paralelo uma prática constante e consistente quer de conservação e manutenção dos edifícios existentes, quer da sua adaptação funcional em função das alterações entretanto ocorridas ao nível dos currículos e das práticas educativas e formativas.

Para inverter o curso do processo de degradação do parque escolar concluiu-se ser necessário desenvolver um modelo de gestão do processo de requalificação que, de modo abrangente e sistemático, reúna condições para uma reabilitação efectiva. O objectivo é o de criar espaços atractivos, multifuncionais, seguros, acessíveis e inclusivos permitindo a utilização alargada a pessoas com mobilidade condicionada e necessidades educativas especiais, bem como à comunidade em horários pós ou extra curriculares, no âmbito de activi-

dades associadas à formação pós-laboral, aos eventos culturais e sociais, ao desporto e ao lazer. O programa prevê soluções duradouras em termos físico, ambientais e funcionais, de modo a garantir a redução de custos de gestão e de manutenção.

Ao mesmo tempo, o processo de reabilitação será maximizado através de uma rigorosa programação, em virtude de consubstanciarem intervenções profundas que se desenvolverão, na maioria dos casos, com as escolas em funcionamento. Após as diferentes intervenções, será activado um modelo de gestão e disponibilidade de serviço que responda eficazmente e com custos controlados às solicitações normais de conservação e manutenção.

As fontes e modelos de financiamento, paralelos ao PIDDAC e aos fundos comunitários, nomeadamente com recurso ao BEI e Banco do Conselho de Desenvolvimento da Europa permitirão a mais rápida e eficaz concretização do programa de requalificação e às fases subsequentes de conservação e manutenção.

## CARACTERIZAÇÃO GERAL DO PARQUE ESCOLAR

O actual parque escolar destinado ao ensino secundário público integra um total de 477 escolas, cuja construção se iniciou no final do século XIX. Destas, 23% foram construídas até ao final da década 60 do século XX. As restantes (77%) correspondem ao período de expansão da rede escolar e de alargamento da escolaridade obrigatória, para seis e nove anos, sendo que 46% das escolas foram construídas na década de 80.

Estas escolas constituem um conjunto heterogéneo, quer em termos das condições tipo-morfológicas dos edifícios, quer da sua qualidade arquitectónica e construtiva. Maioritariamente compostos por soluções normalizadas, decorrentes da aplicação de projecto-tipo e do recurso à construção em série, há edifícios com reconhecido valor patrimonial e outros em que foram ensaiadas soluções inovadoras em termos espaciais e construtivos.

## DIAGNÓSTICO DO PARQUE ESCOLAR

As escolas apresentam na sua generalidade níveis baixos de desempenho físico-construtivo, ambiental e funcional. Esta visível desqualificação físico-construtiva é resultado do desgaste provocado pelo uso e do envelhecimento natural dos materiais de construção e dos problemas construtivos a que os edifícios estão sujeitos durante a sua vida útil. Tal incide sobretudo em quatro vertentes:

1. no recinto exterior ao nível dos pavimentos, dos sistemas de drenagem e dos elementos construídos;
2. na envolvente construída das edificações, ao nível dos paramentos, designadamente revestimentos, elementos de betão aparente, pinturas, cantarias, vãos e respectivas protecções e coberturas e respectivas estruturas de suporte e drenagem;
3. no interior das edificações, ao nível dos elementos de compartimentação, dos revestimentos e acabamentos, das carpintarias e seralharias;
4. nas infra-estruturas ao nível das redes de águas, esgotos, gás e eléctricas, e instalações especiais.

Nas edificações, os principais problemas referem-se aos revestimentos de paredes, pisos, escadas, tectos, coberturas em terraço, coberturas inclinadas e elementos de betão.

Nos espaços exteriores as anomalias referem-

se em geral a degradação e abatimento dos pavimentos; deficiências de drenagem; valas para canalizações mal compactadas; terrenos sobranceiros não drenados; taludes não fixados.

A desqualificação ambiental é ainda resultado de, à data da sua concepção, os parâmetros de conforto ambiental e de exigências sanitárias serem inferiores aos exigidos pela legislação actual. O conforto higrotérmico, acústico e lumínico; a qualidade do ar; a recolha e evacuação de resíduos e a eficiência energética são questões essenciais de serem revistas.

A desqualificação funcional é resultado da evolução do modelo educativo e dos processos de ensino-aprendizagem. Esta realidade recai na organização e condições espaciais dos diversos sectores funcionais (zonas lectivas, administrativas, sociais e de apoio) em termos de localização, configuração, dimensão, equipamento e flexibilidade de uso (salas de aula, laboratórios experimentais, oficinas destinados a ensino artístico e tecnológico, zonas desportivas, bibliotecas/centro de recursos, refeitório/cozinha, instalações sanitárias, abertura à comunidade) e ainda na insuficiência de áreas lectivas e não lectivas (espaços para trabalho de docentes e de alunos, aprendizagem informal, atendimento de alunos e de encarregados de educação, apoio sócio-educativo e formativo, arrumos), sem esquecer a imagem geral da escola.

## PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

O novo modelo de edifício escolar, que o Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário pretende desenvolver, não é uma escola tipo, mas um tipo de escola que convirja na direcção do projecto educativo proposto por cada uma das escolas, permitindo responder adequadamente às necessidades, objectivos e características das suas comunidades escolares e garantindo a durabilidade e sustentabilidade da intervenção num prazo temporal dilatado. O PMEES visa actuar de forma integrada ao nível da requalificação das infra-estruturas físicas; da abertura da escola à comunidade e da manutenção e gestão dos edifícios após a requalificação.



## OPERACIONALIZAÇÃO DO PROGRAMA

O programa considera a intervenção em 332 escolas, das quais as primeiras 205 escolas até ao ano de 2011/12 com um investimento estimado de 2,447 mil milhões de euros.

O financiamento do Programa para estas primeiras 205 escolas é assegurado pelo Financiamento Comunitário, com um valor global de 354 milhões de euros; pelas participações de PIDDAC com um valor global de 316 milhões de euros; por financiamento bancário; e por outras participações do Estado, que assegurarão o financiamento da prestação de serviços da Parque Escolar, o serviço da dívida da operação de financiamento bancário e a componente de contrato com o exterior relacionado com a conservação e manutenção.

O financiamento do Programa é regulado por Contrato Programa Plurianual entre o Estado e a Parque Escolar que define as regras de relacionamento entre as partes.

O programa iniciou-se com quatro intervenções piloto – Escola Secundária D. Dinis e Pólo de Educação Formação D. João de Castro em Lisboa e Escola Secundária Rodrigues de Freitas e Escola Secundária Artística Soares dos Reis no Porto - com investimento estimado de 60 milhões de euros e prosseguiu com mais 26 intervenções, iniciadas em finais de 2008, correspondendo a um investimento de 327 milhões de euros. Em 2009 e 2010 são intervenções mais 175 escolas com um valor global de investimento de 2063 milhões de Euros.

## SELECÇÃO E PLANEAMENTO DAS INTERVENÇÕES

A selecção das escolas a intervencionar é feita de acordo com critérios definidos pela Parque Escolar em conformidade com prioridades previamente estabelecidas pelo Ministério da Educação e pelas Direcções Regionais. É analisado o grau de degradação dos edifícios, a carência de instalações, o reordenamento da rede escolar; a optimização de financiamento comunitário; a distribuição geográfica.

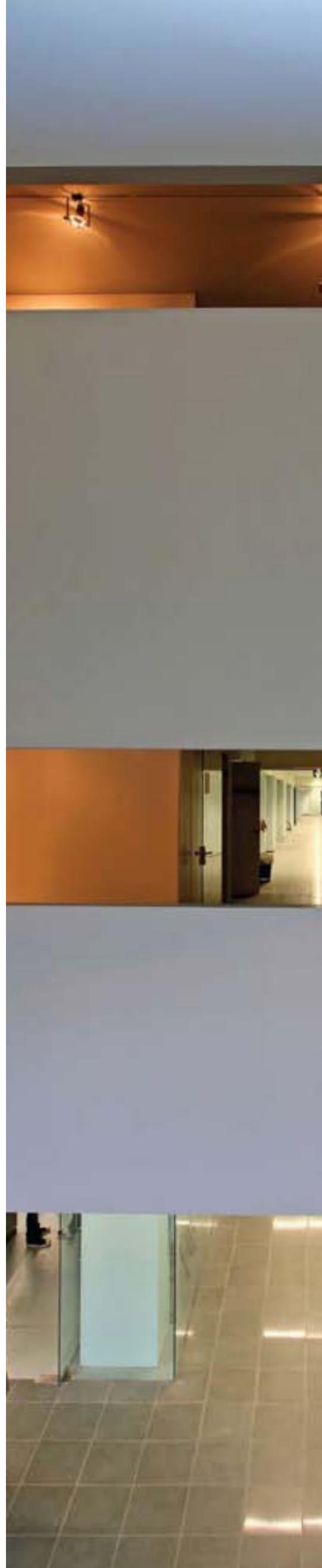
Seleccionadas as Escolas a integrar no Programa de Modernização com base nos critérios definidos, o planeamento para a sua concretização deverá, sempre que possível, considerar para a área de intervenção de cada Direcção Regional a mesma percentagem de escolas a intervencionar e a adequabilidade temporal ao processo de contratação, em particular no que se refere à constituição de lotes de escolas, com base na proximidade geográfica.

## PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Após a definição do ano de início das obras e estabelecido o tipo de intervenção a desenvolver e os recursos financeiros a mobilizar pela Parque Escolar, inicia-se um conjunto de acções tendo como intervenientes a Parque Escolar, a equipa de consultores e de projectistas contratados, as escolas representadas pelas suas equipas directivas e as Direcções Regionais de Educação.

A contratação de consultores pela Parque Escolar decorre da colaboração com instituições de ensino superior e centros de I&D de excelência. A selecção dos projectistas é feita em função da experiência e competência reconhecida na reconversão de edifícios e na capacidade técnica demonstrada para desenvolver o projecto de intervenção no período considerado.

O processo de intervenção implica fases específicas: a proposta de plano estratégico, a inspecção técnica ao edificado, o desenvolvimento do programa funcional, o desenvolvimento do Projecto de Arquitectura e de Especialidades, o Planeamento da Intervenção, a assinatura do Acordo de Parceria de Utilização e Gestão das escolas entre as direcções das escolas, a respectiva Direcção Regional de Educação e a Parque Escolar e, por último, o lançamento do Concurso para Obra, Conservação e Manutenção pela Parque Escolar.



## MODELO DE GESTÃO

O modelo de gestão adoptado considera a contratualização em conjunto das operações de construção, de conservação e de manutenção por um período de 10 anos. O contrato de manutenção e de conservação, incluindo as vertentes preventiva, correctiva, funcional e grande conservação, será gerido em conjunto com as escolas, garantindo assim uma ferramenta essencial para a gestão das mesmas. No modelo de contratação para projecto, gestão e fiscalização serão seleccionadas empresas ou consórcios de empresas por Concurso Público Internacional, com pré-qualificação. Os edifícios com elevado valor arquitectónico terão tratamento excepcional, adequado à sua situação específica.

## A ORGANIZAÇÃO ESPAÇO-FUNCIONAL DA ESCOLA

Na escola, a transmissão e geração de conhecimentos é suportado na interacção social e informacional. A par do reportório de saberes organizados, ou seja, através do curriculum formal (o modo como se estabelecem os contactos informais entre os diferentes membros da comunidade escolar), o curriculum informal (sinais ou estímulos que espelhem o projecto educativo adoptado, captados quando se percorre a escola) e também do designado curriculum oculto, a organização curricular desempenha um papel relevante, motivando a comunidade escolar uma cultura de aprendizagem.

Se para o cumprimento do curriculum formal são necessários um conjunto de espaços lectivos com características e equipamentos apropriados às práticas pedagógicas adoptadas, a forma como os restantes espaços da escola – espaços sociais, de convívio, de circulação e centros de recursos - são organizados e geridos pode ter um impacto significativo na ocorrência de oportunidades de aprendizagem informal, encorajar alunos e docentes a permanecer mais tempo na escola e a participar activamente no projecto educativo e portanto contribuir para criar uma atitude de aprendizagem.

A diversidade de actividades de natureza colaborativa, exploratória e experimental previstas no curriculum, implica a presença de espaços e equipamentos que permitam a sua realização dentro e fora do período lectivo (não-assistido por docentes), designadamente:

- salas de aula com acesso a equipamento informático;
- salas para desenvolvimento de trabalhos experimentais (laboratórios);
- salas de trabalho (estúdios/oficinas) para produção de artefactos (trabalhos com exigências de manualidades);
- salas para estudo individual e/ou em grupo;
- mobiliário corrente (mesas e cadeiras) integrados em espaços comuns (de circulação e de socialização) e nos centros de recursos para permitir ensino-aprendizagem informal;
- áreas destinadas a apoiar actividades extracurriculares (“clubes”) e a exibição de trabalhos/conteúdos didácticos (trabalhos de alunos, etc)

O investimento na promoção de um “ambiente de aprendizagem” requer a divulgação e disponibilização de “ferramentas” de aprendizagem a par do reforço de mensagens que possam ser descodificadas facilmente e assimiladas pelos alunos.

Torna-se importante assumir o centro de recursos e, em particular, a zona destinada a biblioteca, como o “coração” da escola: um espaço física e visualmente acessível à comunidade escolar a partir da entrada. A mensagem veiculada a partir da condição de centralidade simbólica é a de um espaço de “trabalho” pautado pela presença de “livros”, aberto, confortável e onde todos são bem vindos. A visibilidade funciona aqui para fomentar a sua utilização pela comunidade e difundir uma prática de aprendizagem.

## MODELO CONCEPTUAL DE ORGANIZAÇÃO ESPAÇO-FUNCIONAL

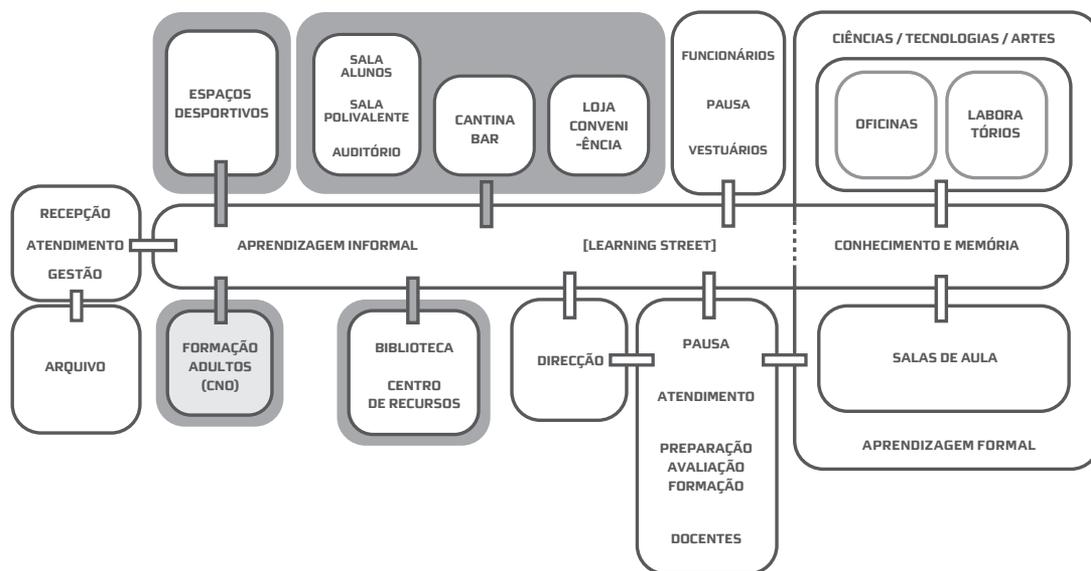
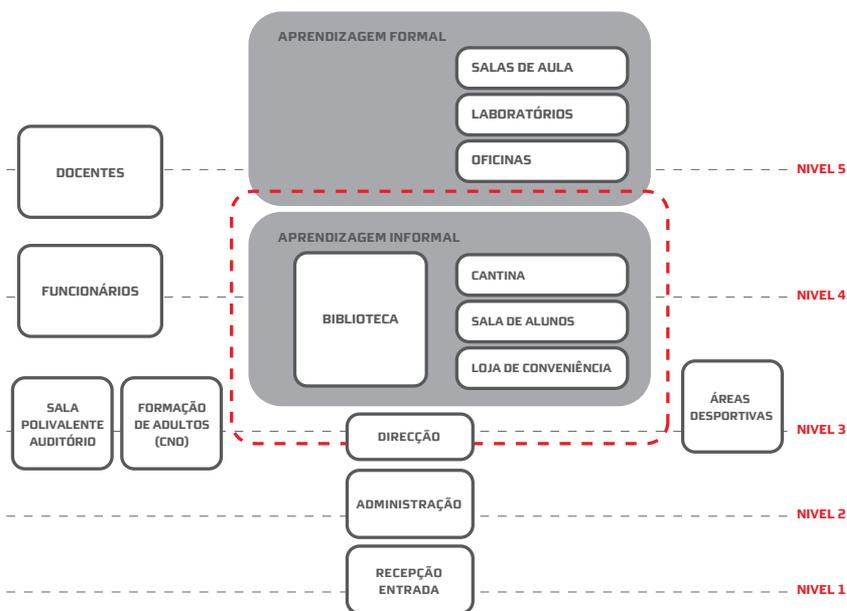
Semelhante estratégia deve ser aplicada nas áreas destinadas ao ensino das ciências, das tecnologias e das artes, às zonas laboratoriais ou oficinas. Ao pretender difundir uma cultura científica, tecnológica e/ou artística na escola é importante que estes espaços sejam “transparentes” de modo a que a comunidade escolar não só tenha conhecimento da sua existência mas que possa tirar partido da sua presença, “ver e participar no que se passa lá dentro” e deste modo estimular a atenção e o interesse dos alunos para este tipo de actividade.

Do mesmo modo ao expor os trabalhos dos alunos pelos espaços de circulação e de maior visibilidade está-se a divulgar as suas capacidades, premiar o seu esforço e empenho.

O modelo conceptual de escola proposto no Programa de Modernização das Escola do Ensino Secundário assenta na articulação funcional dos vários sectores funcionais (áreas lectivas e não lectivas); na garantia de condições para o seu funcionamento integrado; na abertura de alguns sectores à utilização pela comunidade exterior em períodos pós-lectivos, nomeadamente os espaços destinados a formação de adultos e certificação de competências, biblioteca, centro de recursos, espaços de conhecimento e da memória (núcleos museológicos); sala polivalente/auditório; bar/cantina e áreas desportivas.

No modelo proposto a organização faz-se através de um núcleo de aprendizagem formal, um núcleo de biblioteca/centro de recursos exibindo forte condição de centralidade – física e simbólica – no espaço da escola; núcleo

de espaços desportivos; núcleo de aprendizagem informal/learning street. O modelo prevê ainda um espaço polivalente para a realização de assembleias e outros eventos de âmbito alargado, assim como a utilização por alunos para efeitos de convívio; loja de conveniência, caracterizado pela imagem e pela qualidade dos produtos ao dispor da comunidade agrupando as áreas de livraria/papelaria e reprografia; bar/cantina/cozinha de acordo com a regulamentação actual, garantindo a sua polivalência; espaço de conhecimento e memória (espaço museológico). Na reorganização e modernização das unidades escolares está previsto um núcleo de docentes e um de funcionários, assim como um núcleo de recepção, gestão/administração e atendimento geral, de direcção e um ainda destinado à formação de adultos e certificação de competências.



Área com possibilidade de automatização para funcionamento extra-horas lectivas



## AUTO-SUFICIÊNCIA ENERGÉTICA - ENERGIAS RENOVÁVEIS

A melhoria das condições de ambiente interior (luminosidade, acústica, temperatura/humidade e qualidade do ar) constitui um dos objectivos principais do Programa de Modernização do Parque Escolar destinado ao Ensino Secundário.

As soluções técnicas associadas apresentam uma consequência natural, mas indesejável, o aumento muito significativo dos consumos de energia, que poderá chegar nalguns casos a 500/600%, além dos impactos indirectos relacionados com as emissões de CO<sub>2</sub>.

A minimização dos impactos associados ao aumento de consumo de energia pode ser concretizada através do desenvolvimento de duas vertentes de actuação: uma cuidada optimização das soluções de projecto e uma potencial de captação de energias renováveis nos edifícios escolares.

### ENERGIAS RENOVÁVEIS NAS ESCOLAS

A maioria das escolas tem potencial de captação de energias renováveis. Um campo já explorado em algumas escolas é o aproveitamento de energia solar térmica para aquecimento de águas para duchas e, em casos mais ambiciosos, para aquecimento ambiente.

A electricidade é a parcela mais pesada da factura energética das escolas e uma área de intervenção privilegiada para o aproveitamento de energias renováveis.

Geralmente, os estabelecimentos escolares dispõem de coberturas e sombreamentos de espaços exteriores que podem ser utilizados para instalação de infra-estruturas de captação de energia solar (painéis fotovoltaicos - eléctricos). No caso de algumas escolas mais isoladas, poderá ser viável a instalação de geradores eólicos de média dimensão (dezenas de kW).

Com os projectos de modernização das escolas existe a vontade de criar centros de geração de energia, numa lógica de produtor/consumidor, através da instalação de uma área média de 1.000 m<sup>2</sup> de painéis foto-voltaicos (basicamente em coberturas e revestimento de empenas cegas), no mínimo em 2/3 do universo das escolas a intervir e da instalação de geradores eólicos em escolas, localizadas em zonas menos urbanas e/ou isoladas.

A capacidade de produção instalada numa central com 1000/1100 m<sup>2</sup> de painéis fotovoltaicos estará entre os 100 e 200 KW por escola, o que dará para o universo das escolas a intervir uma capacidade da ordem 50 MW. O aproveitamento deste potencial para geração eléctrica pode ajudar a instalar um parque de produção descentralizada de electricidade renovável, seguindo uma distribuição pelo território nacional tipicamente de acordo com as densidades populacionais e de consumo

de electricidade. Em simultâneo esta opção permite ter escolas com nível de certificação energética máximo ("A+"), ajudando a cumprir as metas de Quioto para redução de emissões de CO<sub>2</sub>; evitando a emissão de toneladas de CO<sub>2</sub>, que podem ser comercializadas no mercado internacional de emissões.

A consideração dum projecto global, abrangendo 75% a 100% das escolas, permite tirar partido das economias e sinergias de escala, nomeadamente, com a possibilidade de lançamento de concursos de dimensão para mínimos de 50/100 escolas, que poderá assentar em três modalidades, encaradas de forma isolada ou combinada:

- fornecimento de equipamento associado à geração de energia (gerindo a Parque Escolar a gestão de compra e venda de energia à rede);
- concessão das áreas para instalação das centrais de geração de energia a entidade externa;
- escolha de parceiro estratégico para desenvolvimento do projecto.

Paralelamente ao impacto energético e financeiro, a produção local de electricidade tem um forte impacto didáctico, alcançando a comunidade escolar e por meio desta a sociedade em geral.



ESCOLA SECUNDÁRIA ARTÍSTICA SOARES DOS REIS:

# UMA VIDA NOVA

Carlos Prata  
Arquitecto

O Projecto da Escola Secundária Artística Soares dos Reis corresponde a um dos projectos piloto do programa de modernização das Escolas do Ensino Secundário.

O programa implica a passagem da Escola Secundária Artística Soares dos Reis para as instalações da Escola Secundária Oliveira Martins, actualmente desactivada, o que pressupõe uma readaptação do edifício existente, demolições parciais e a sua ampliação.

O desenvolvimento do projecto tomou por base um programa funcional de necessidades espaciais definido pela Escola Secundária Artística Soares dos Reis, enquadrado por um conceito mais alargado relativo ao sentido atribuído ao futuro da escola, tendo em conta a sua longa história e dinâmica pedagógica actual, o que ficou traduzido num documento entregue pela Escola que se anexou no Programa Preliminar.

## PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO

O desenvolvimento de projecto tomou por base as intenções programáticas para a modernização das escolas do ensino secundário definidas pela Parque Escolar, nomeadamente, no que respeita: à qualidade dos espaços com capacidade para influenciar atitudes e comportamentos dos alunos, docentes e funcionários; à utilização da escola a tempo inteiro; e à sua abertura à comunidade exterior.

Atendeu também às definições programáticas estabelecidas pela Escola Secundária Artística Soares dos Reis, consubstanciadas num documento que fixava um programa de Escola Ideal, que se apresenta em anexo, expressando as articulações funcionais entre os diferentes espaços mais ajustadas ao quotidiano do funcionamento pedagógico pretendido e o dimensionamento dos compartimentos que lhe correspondiam.

Tomando por base estes documentos, desenvolveu-se um processo de trabalho conjunto entre a equipa de projecto, o dono de obra e o Conselho Executivo da Escola Secundária Artística Soares dos Reis. Em certos momentos este processo estendeu-se a todo o grupo de docentes, procurando adequar o programa da futura escola às condições objectivas que viabilizariam a sua concretização, à situação existente no que respeita às condicionantes do edificado a manter e a construir, e ao enquadramento orçamental estabelecido.

Estruturou-se assim a proposta com base nas intenções que a seguir se expressam.

## SOLUÇÃO DE CONJUNTO

A dimensão do programa a albergar impunha a construção de novos edifícios. Dado o grande afastamento entre os corpos existentes a manter, optou-se por construir dois novos corpos articulados por uma galeria de distribuição que estabelece a ligação entre todo o conjunto edificado.

É a partir desta galeria, que funciona como uma rua interior, far-se-á o controlo de acessos à escola, que poderá ser totalmente livre ou condicionado a apenas um espaço, sendo possível, por exemplo, abrir alguns espaços ao público em geral – sala polivalente, refeitório, infra-estruturas desportivas, biblioteca, etc – fora do período normal de funcionamento.

Dentro desta estratégia de articulação com a envolvente, e atendendo às condicionantes programáticas, procurou-se criar um corpo paralelo ao edifício existente face à rua, concentrando nestes dois volumes todas as funções definidas pelo programa correspondente à componente pedagógica lectiva da escola.

A volumetria deste novo corpo é determinada em grande medida pelas exigências do programa das oficinas, impondo grandes áreas e uma articulação funcional bastante condicionada, pelo que o volume é mais profundo e quase tão extenso como o edifício existente, sendo, no entanto, mais baixo.

Com a solução de construir duas caixas de escada exteriores aos dois corpos – o que permitiu transformar a área ocupada pelas escadas existentes em espaço útil – associando-se a uma delas um elevador, possibilitou resolver de nível as circulações horizontais, aproximando assim, de forma simples, todas as funções do programa. Com uma expressão volu-

métrica reduzida e equilibrada consegue-se uma área total contínua por piso de cerca de 3.400 m<sup>2</sup>.

O outro novo corpo que se constrói alberga a sala polivalente e funções afins e articula-se com o corpo do ginásio e refeitório, respondendo em conjunto à parte do programa relativa aos espaços de uso colectivo e complementares.

A imagem do conjunto que resultará da solução deverá expressar a ideia de uma articulação equilibrada de diferentes volumes construídos em tempos e com objectivos distintos, claramente identificados e coexistindo pacífica e harmoniosamente.



fig1 • Fotografia aérea – Localização da Escola Oliveira Martins



fig2 • Alçado - Localização







## ESTRUTURAÇÃO DO TERRENO

A realidade existente necessitava de ser alterada por forma a conseguir-se dar resposta a alguns pressupostos do programa.

O modo como a escola se distancia do exterior, sendo delimitada por um muro com um gradeamento de altura significativa, implantando-se a uma cota mais alta, a que se acede por uma escadaria com uma imagem “monumental” e com um desenho que reforça a agressividade da pendente, era um dos aspectos que o projecto deveria resolver.

A solução proposta pretende resolver de forma conjunta este aspecto, criando um parque de estacionamento automóvel e o acesso mecânico de serviço ao interior do terreno, servindo todos os corpos edificados. Com este intuito cria-se uma entrada pelo extremo Sudoeste da frente do terreno para o parque de estacionamento com a capacidade de 54 lugares, aproveitando-se o controle de acessos, que aí será instalado, para condicionar a entrada dos veículos de serviço.

A entrada principal da escola passa a ser localizada no outro extremo desta frente, sendo marcada por um volume novo que remata o corpo existente e define uma zona de entrada exterior coberta, que se pretende que resolva, a um tempo, a expressão de acolhimento de uma nova Instituição/Escola e a dobragem a noventa graus do percurso de entrada desde o exterior ao interior.

Como forma de ultrapassar a limitação que a diferença de cotas impõe quando se pretende expressar acolhimento ou sentido amigável do edifício/instituição, desenhou-se uma escada exterior de cobertor largo com pendente reduzida por forma a diluir a sua presença e a expressão de muro/fronteira que uma vulgar escada de progressão mais acelerada sempre constitui.

De forma integrada, o desenho da entrada propõe também a instalação de um elevador inserido num pequeno volume para dar cumprimento à legislação sobre acessibilidades e para facilitar a circulação vertical a todos os utentes, aspecto que se estende a todo o edifício, onde se prevê a instalação de mais dois elevadores e de uma plataforma elevatória.

O terreno não ocupado pela implantação do edifício, pela rede de circulação automóvel e pelos campos de jogos, será tratado como uma área verde de enquadramento dos diferentes corpos e/ou envolvente próxima e por espaços destinados ao lazer e recreio dos utentes.

## ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA

O programa organiza-se nos diferentes corpos que atrás referenciamos. Por uma questão de facilidade de exposição far-se-á uma descrição corpo a corpo, que denominámos de A a D desde a frente da rua ao interior do terreno.

### CORPO A

A entrada do edifício faz-se através do rés-do-chão envidraçado do novo volume que remata o corpo existente. Neste volume organiza-se um pé direito triplo com iluminação zenital que se destina a uma galeria de exposições, temporárias e permanentes. O rés-do-chão deste espaço expositivo prolonga-se até à articulação com a galeria, onde se prevê um espaço destinado à instalação de algumas máquinas antigas que fazem parte do espólio museológico da escola. Este espaço expositivo que se desenvolve em torno de um pé-direito triplo é servido por uma escada desenhada como um elemento escultórico, também com iluminação zenital, e que cumpre os requisitos de desenho para poder ser considerada como caminho de fuga.

No restante piso 0, deste corpo A, concentram-se os espaços ligados aos serviços administrativos, ao pessoal docente e não docente, e aos equipamentos das redes informáticas, além de alguns serviços que poderão abrir-se ao exterior – reprografia e loja/papelaria. Nos pisos 1 e 2 organizam-se os espaços de aulas destinados aos diferentes tipos de actividades pedagógicas – salas tradicionais, de projecto, de desenho.

No piso 3, correspondente ao sótão da cobertura, são introduzidos pequenos volumes paralelepípedicos, que emergem da água Noroeste da cobertura e que albergam salas de aula.

Na outra extensão do desvão do telhado que não sofre alteração, criam-se condições de iluminação e ventilação naturais o que é possibilitado pela instalação de janelas tipo “velux”, o que possibilita a criação de gabinetes destinados aos docentes.

### CORPO B

Em articulação directa com o corpo A, organiza-se o programa das oficinas, conseguindo-se assim uma fácil relação com as salas de projecto - aspecto fundamental do programa estabelecido pela Escola Secundária Artística Soares dos Reis - e reduzem-se os circuitos e racionalizam-se os fluxos.

Todos os pisos deste corpo são servidos por um monta-cargas de acordo com as necessidades de funcionamento. Para responder a necessidades específicas da oficina de ce-

râmica e joalheria, cria-se um pátio exterior no piso 1 que se estende até à cobertura, que cumpre também funções de caminho de fuga, dando resposta às condicionantes regulamentares.

No extremo Nordeste deste corpo destaca-se um volume de cêrceas e dimensões mais reduzidas onde se instala, um anfiteatro com a capacidade para 50 alunos, o centro de recursos e a biblioteca com pé-direito duplo.

### CORPO C

Neste corpo instala-se a associação de estudantes e a área técnica que vai servir o edifício. No lado oposto da galeria organiza-se a sala polivalente, que poderá ser organizada em auditório com o recurso a uma bancada retráctil. Esta sala abre-se para a área verde contígua, prolongando-se através do espaço exterior coberto de recreio até à cafetaria/refeitório. Constitui-se, deste modo, um núcleo de espaços de uso colectivo que poderão funcionar em conjunto ou autonomamente.

A sala polivalente será dotada de alguns dispositivos simples – cortinados *black-out*, palco amovível, teia para instalação de luz e som, andaime com rodado para serviço à teia, etc. – possibilitando a realização de vários tipos de actividades – conferências, projecções de vídeo, exposições, confraternizações, etc. Além destes dispositivos simples, organiza-se também uma área de serviço em articulação directa com os estudos de vídeo e fotografia, por forma a potenciar sinergias e a criar espaços de arrumo comuns. No nível superior desta área de serviço, com acesso através de uma escada dedicada, constitui-se uma régua com dimensão ajustada ao funcionamento previsto.

### CORPO D

O corpo D mantém as suas funções iniciais – refeitório no piso 0 e ginásio no piso 1 – alterando-se fundamentalmente as áreas de serviço – cozinha, copa, arrecadação, oficina de manutenção e balneários – em resultado da substituição de um volume muito desqualificado que se justapõe ao volume principal. Este novo edifício pretende resolver o remate da galeria estruturadora da escola, o acesso vertical e a articulação de nível dos balneários com o ginásio. Do volume inicial mantém-se a entrada principal com acesso directo desde o exterior, a escadaria de acesso ao piso superior e o balcão que se debruça sobre o ginásio, mantendo o ambiente inicial: grandes envidraçados em paredes opostas a que se sobrepõem os espaldares.

# REPENSAR

## O EDIFÍCIO

Carlos Prata  
Arquitecto

O Projecto da Escola Secundária Artística Soares dos Reis corresponde a uma intervenção que decorre da passagem da Escola Secundária Artística Soares dos Reis para as instalações da Escola Secundária Oliveira Martins, actualmente desactivada, o que pressupôs uma readaptação do edifício existente, demolições parciais e a sua ampliação. Estas instalações ocupam um terreno com 14.922 m<sup>2</sup> com frente para a Rua do Major David Magno, paralela à Avenida Fernão Magalhães, no Porto.

### FICHA DE PROJECTO E DE OBRA

Projecto de Arquitectura  
**Carlos Prata, Lda.**

Projecto de Estabilidade  
**Camace S.A.**

Projecto de Instalações Hidráulicas  
**Diogo Alpendurada - Engenharia Unipessoal, Lda**

Projecto de Instalações de Gás  
**Rodrigues Gomes & Associados, Consultores de Engenharia S.A.**

Projecto de Instalações Eléctricas e de Telecomunicações  
**Rodrigues Gomes & Associados, Consultores de Engenharia S.A.**

Projecto de Sistemas de Segurança  
**Tabique, Lda.**

Projecto de Instalações de AVAC  
**Rodrigues Gomes & Associados, Consultores de Engenharia S.A.**

Verificação do RSECE / Certificação Energética  
**Rodrigues Gomes & Associados, Consultores de Engenharia S.A.**

Projecto de Condicionamento Acústico  
**InAcoustics - Engenharia Acústica, Vibrações e Ambiente, Lda**

Arquitectura Paisagista  
**Arqt.OF Arquitectos Associados, Lda**

Gestão e Fiscalização  
**SOPSEC - Sociedade de Prestação de Serviços de Engenharia Civil, SA**

Empreiteiro Geral  
**Edifer Construções**

A Escola Secundária Oliveira Martins encontrava-se organizada em dois corpos independentes – Aulas e Ginásio/Refeitório, articulados por uma galeria exterior coberta que servia de recreio abrigado complementar dos espaços exteriores que as construções conformavam.

O desenvolvimento do projecto tomou por base as definições programáticas estabelecidas pela Escola Secundária Artística Soares dos Reis, expressando articulações funcionais entre os diferentes espaços ajustados ao funcionamento pedagógico pretendido e o dimensionamento dos compartimentos que lhe correspondiam.

Dado o grande afastamento entre os corpos existentes a manter (Aulas e Ginásio/Refeitório), optou-se por construir dois novos corpos articulados por uma galeria de distribuição, que estabelece a ligação entre todo o conjunto edificado, a que corresponde o programa das Oficinas/ Biblioteca e Sala Polivalente. É a partir desta galeria, que funciona como uma rua interior, que se fará o controlo de acessos

à escola, que poderá ser totalmente livre ou condicionado, sendo possível, por exemplo, abrir alguns espaços ao público em geral – sala polivalente, refeitório, infra-estruturas desportivas, biblioteca, etc, fora do período normal de funcionamento. A entrada principal da escola foi de igual modo objecto de intervenção, sendo marcada por um volume novo que remata o corpo existente e define uma zona de entrada exterior coberta. O terreno não ocupado pela implantação do edifício, pela rede de circulação automóvel e pelos campos de jogos, foi tratado como uma área verde de enquadramento dos diferentes corpos e/ou envolvente próxima e por espaços destinados ao lazer e recreio dos utentes.

A imagem do conjunto que resultará da solução expressa a ideia de uma articulação equilibrada de diferentes volumes construídos em tempos e com objectivos distintos, com uma clara identificação, coexistindo pacífica e harmoniosamente o novo e o antigo ●



ESCOLA ARTISTICA DE  
SOARES DOS REIS



## A ESCOLA SECUNDÁRIA ARTÍSTICA SOARES DOS REIS NO

● **Talvez tivesse preferido escrever, a respeito do meu amigo Carlos Prata, sobre outra obra onde pudesse, do princípio ao fim, ler a construção de um conceito e a qualidade e coerência da sua formalização, totalmente pessoais. É a sina de quem, como eu, escreve a pedido e sobre a encomenda - não escolho.**

Não estou a desculpar-me antecipadamente, mas estou. O facto é que esta obra de arquitectura, de indiscutível qualidade, corresponde a uma resposta, não só a exigências programáticas claras, como é natural, mas também a algumas definições conceptuais que são alheias ao autor. O arquitecto, nestes casos, pode até não estar completamente identificado com estas definições, mas aceitar o desafio que considera não ferir a sua dignidade profissional. De resto, foi sempre assim, com os nossos mestres pedreiros, até ao romantismo, onde a afirmação da individualidade do artista/arquitecto foi reivindicada pelo autor e começou a ser uma mais valia para o cliente. Passados os anos da afirmação exacerbada desta artisticidade, reivindicada pela classe, o arquitecto voltou a considerar-se servidor e não servido pela *bolsa alheia* (1) - dos anos heróicos da "cause du peuple", até à neutralidade ideológica dos tempos que correm. Assim se recupera um comportamento menos romântico, onde o que importa é servir com competência profissional, conceito por demais ambíguo na nossa disciplina porque justifica quase tudo o que fazemos, desde a total liberdade de expressão ao, mais frequente, cumprimento passivo dos desejos e necessidades do cliente.

Retoma-se, neste último caso, a tradição histórica do exercício disciplinar da Arquitectura em Portugal, aceitando, hoje, restringir o campo da expressão da sua artisticidade. E muitos, que não o caso em apreço, vão mascarando a neutralidade estrutural com uma roupagem de superfície mais próxima do desenho gráfico ou do desenho da moda. Exactamente o contrário do que fizeram os antigos que, assumindo aquela restrição, adoptaram, corajosamente, um estilo desornamentado a que se tem chamado estilo chão.

São difíceis os tempos e indutores de desigualdades porque, as leis do mercado dão diferentes direitos de realização pessoal aos arquitectos, uma vez que só muito poucos têm o direito de *folgar* como lhes apetece com os financiamentos públicos e alguns privados. São estes, independentemente das suas opções político/ideológicas, os "novos" arquitectos do regime. É a sua liberdade que tem permitido a construção dos edifícios mais paradigmáticos da cultura arquitectónica contemporânea e com isso, afinal, todos ganhamos. E a nova Pequim terá os seus Herzog e de Meuron, Rem Koolhaas ou Norman Foster, ainda à espera de Álvaro Siza.

Estas palavras introdutórias para percebermos melhor o contexto e os condicionamen-

tos das intervenções do Parque Escolar e a forma, pelo que vamos percebendo, exemplar, como, até agora, os arquitectos responderam às exigências programáticas e metodológicas, particularmente no caso da Escola Secundária Artística Soares dos Reis.

O Parque Escolar, com que também estamos conscientemente envolvidos, tem um programa relativamente ambíguo porque, definindo algumas condições estruturais de partida que, sejam quais forem as soluções adoptadas, condicionam as tomadas de posição formais e linguísticas, cria, ao mesmo tempo, a ilusão da possibilidade de ser livremente criativo. Acresce que estas condições, implícitas porque provavelmente não resistiriam a uma explicitação, se aplicam a uma enorme diversidade de edifícios onde varia substancialmente a qualidade arquitectónica, construção ou natureza da envolvente. Será para todos claro que é bem diferente reabilitar edifícios de autores como Marques da Silva, Ventura Terra ou Carlos Ramos ou de qualidade menor como a antiga Escola Comercial Oliveira Martins, ou, ainda, concebidos e construídos pela Sorefame, com prazo de validade de vinte anos.

Provavelmente este conjunto de regras universal é condição do financiamento e, por

isso, ou se aceita como é - um programa de reabilitação de edifícios - ou aquele se perde. Para minimizar este ponto de partida programático e conceptual admitiu-se, e bem, que na sua execução viessem a participar múltiplas personalidades e correspondentes entendimentos da arquitectura, embora correndo o risco de se aparentar uma paisagem diversa no que é, infelizmente, mais secundário: alguns formalismos e diferentes linguagens. Obviamente que estamos longe do projecto-

A nitidez da opção tipológica e do esquema geral de acessibilidades, resiste com alguma dificuldade à densificação inerente ao cumprimento do programa, para além de um certo paradoxo, já referido, na manutenção obrigatória de preexistências, quase genericamente reduzidas à sua casca, e que não deixam de ser extremamente condicionadoras, da escala à linguagem.

Sendo este, afinal, o tema do projecto, o que o arquitecto Carlos Prata nos propõe como

# PORTO

tipo uniforme e uniformizador ou de qualquer exigência regionalista, e vamos, com esta diversidade, “posmodernizar” a nossa paisagem que bem necessita de ter algum pós, cansada como está de ter tudo fora do tempo. Falamos de arquitectura mas não esquecemos a importância do programa de modernização que está a ser aplicado ao parque escolar, que virá a constituir indiscutível e positivo factor de desenvolvimento.

O programa proposto para esta escola e as condições de desenvolvimento do projecto e obra tem a particularidade, em relação a quase todos os outros, de corresponder a uma alteração total dos seus anteriores conteúdos programáticos e ao facto de estar desactivada. Trata-se, assim, de transferir o programa de ensino artístico da Escola Soares dos Reis para estas novas instalações com a vantagem de não ter necessidade de compatibilizar o desenvolvimento da construção com o funcionamento normal das aulas. O novo e complexo programa, incomportável nos dois pavilhões preexistentes, que deveriam ser parcialmente preservados, implicou a necessidade de um grande volume de construção nova ocupando, naturalmente, a extensa área entre ambos. A solução encontrada é, em esquema, associável a uma tipologia comum em forma de “pente”. Assim um eixo longitudinal, a Norte, tratado como galeria/rua estabelece, na sua perpendicular e para os dois lados, as ligações funcionais essenciais, procurando libertar a maior área possível de terreno a Sul. Assim se criam dois novos pavilhões paralelos aos preexistentes, contendo, respectivamente, as oficinas e o polivalente e, do outro lado, dois novos corpos para biblioteca e associação de estudantes. Para esta hipótese de solução funcionar foi necessário inverter o antigo sistema de acessos ao edifício antigo para o conectar com a referida galeria o que deu origem à construção de um volume a Norte por onde se realiza, agora, a entrada principal.

solução é a diversidade formal que garanta uma leitura autónoma de cada conjunto ou pavilhão. Não havia, de facto, qualquer possibilidade de criação de uma unidade linguística que incluísse o que se preservou e, com isso, se cria uma espécie de distância não física, garantindo a autonomia de cada conjunto, afastando virtualmente o que é próximo, dando respiração ao todo construído.

Para se conseguir este resultado foi necessário organizar com muito rigor o programa para evitar dispersar valências que permitissem um seu agrupamento sob uma mesma linguagem, diferente de outro qualquer conjunto programaticamente afim. E depois de encontrar a forma adequada para cada pavilhão garantir que o edifício no seu conjunto fosse lido como uma unidade e não como um agrupamento aleatório de diferentes construções. Seguramente que, do ponto de vista metodológico, esta ordenação processual das várias etapas do projecto teve uma ordem variável conforme o momento e a necessidade no aprofundamento/viabilização de um conceito, ideia, síntese que em nebulosa existiu desde o primeiro momento.

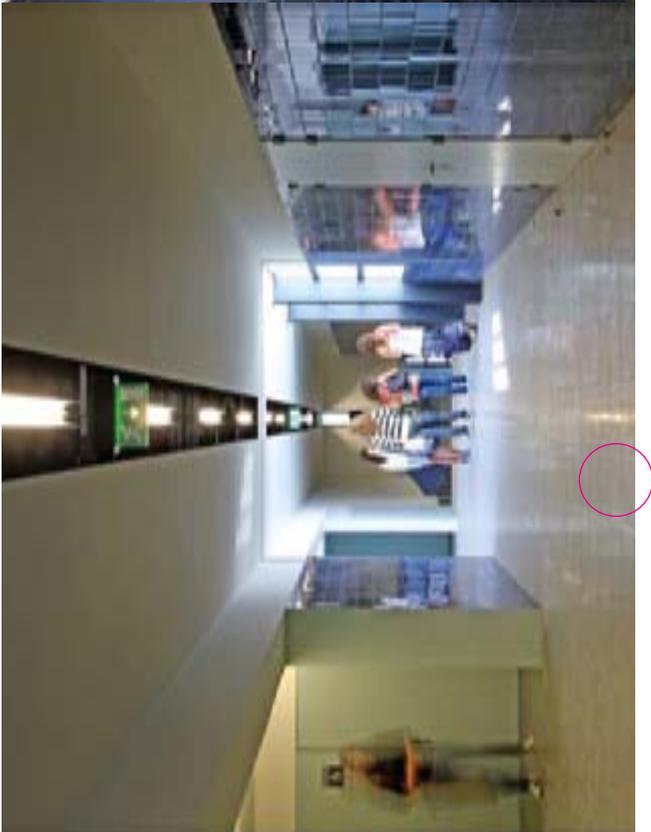
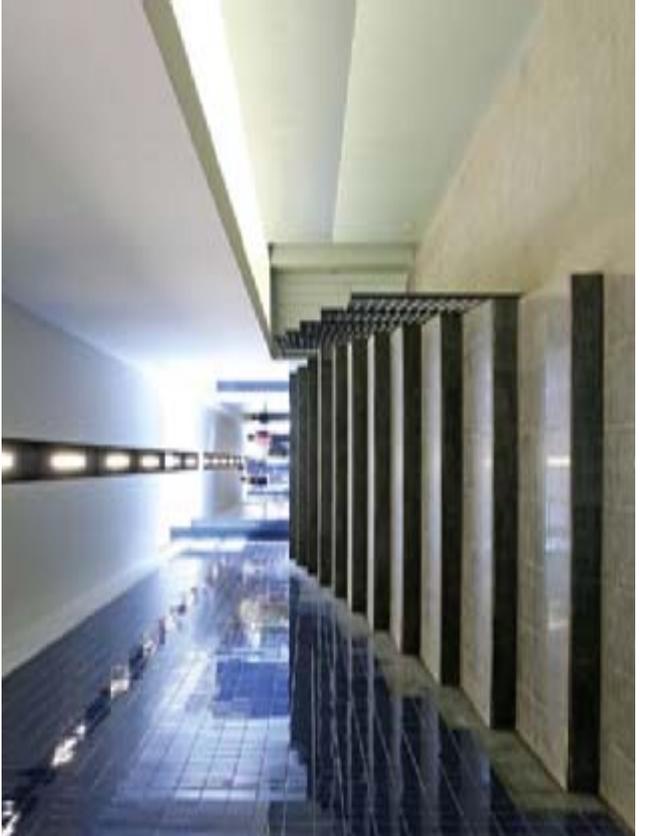
Se todos os projectos do Parque Escolar tiverem esta complexidade será verdade que, mais do que uma oportunidade para a arquitectura portuguesa, se vai tratar de um dos maiores desafios que esta, no seu conjunto, já encarou. O desafio particular que esta constituiu permite imaginar o futuro com bastante optimismo ●

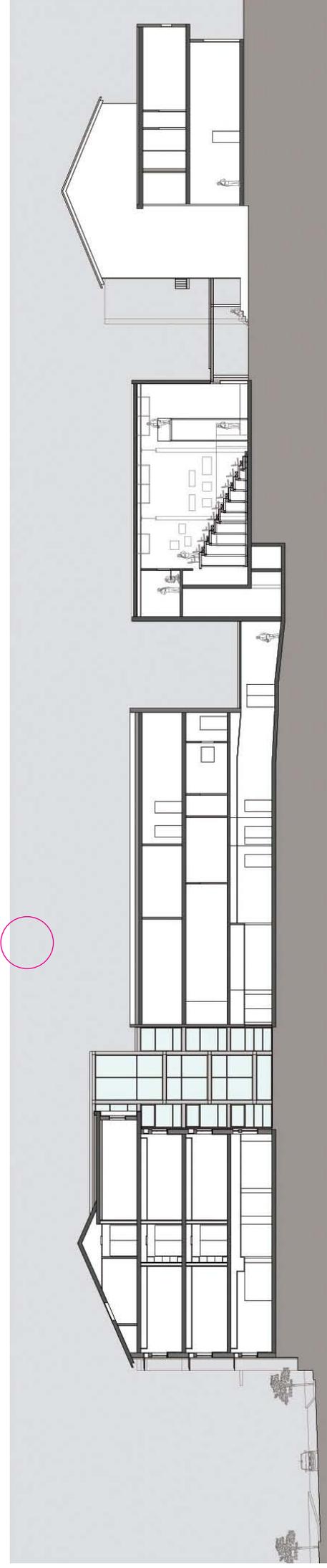
Alexandre Alves Costa

#### Nota 1

Do texto de Frei Bartolomeu dos Mártires, finais do século XVI, que aqui se reproduz parcialmente:  
*Engana o gosto de edificar e por vezes transporta.  
 E os Mestres de traças, como dispõe de bolsa alheia, folgão de mostrar habilidade própria e mistérios da arquitectura.*







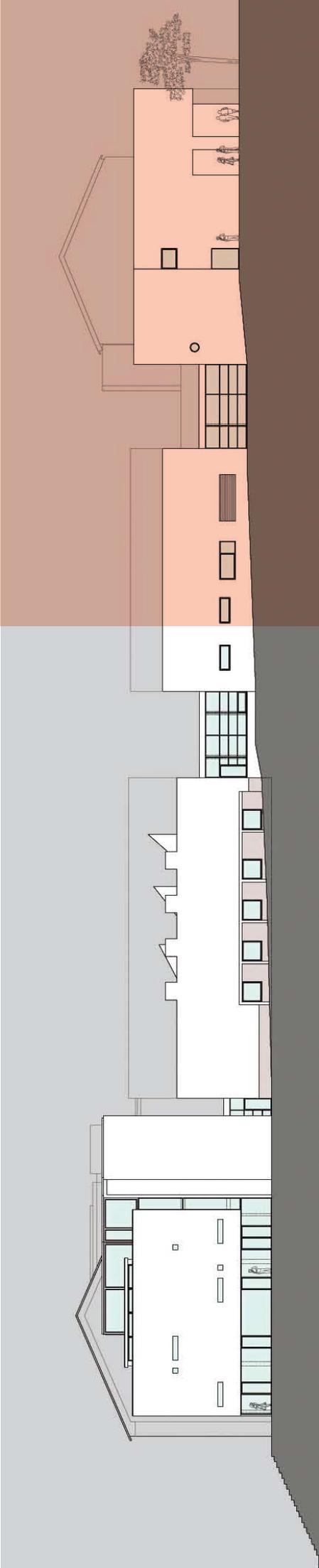
Corte 02



Piso 0



Exterior



Corte 01

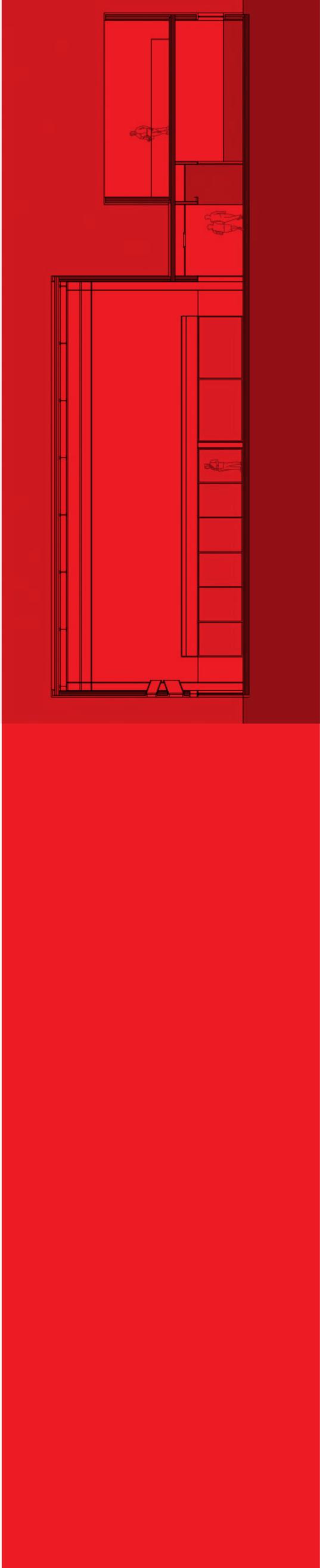
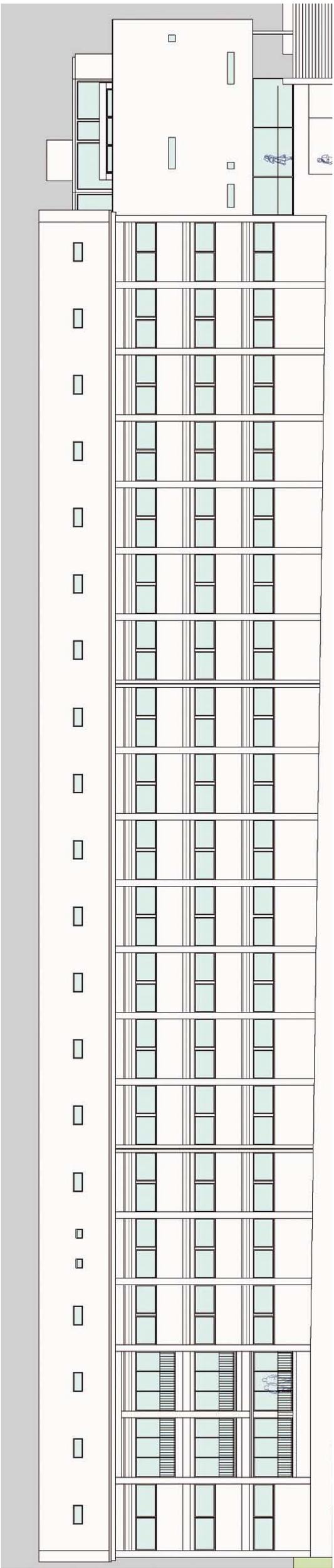


015 Corte 3



Implantação







# TESTEMUNHOS

## A ESCOLA DE ANTIGAMENTE E A ESCOLA ACTUAL

**T**

êm sido tantas as mudanças na minha vida que parece que foi há imenso tempo que entrei na Soares dos Reis. Foi um período marcante em muitos aspectos. A Soares dos Reis sempre beneficiou de um ambiente fantástico, uma cooperação e amizade fora do imaginável entre professores, funcionários e alunos. O ambiente nos intervalos das aulas era muito descontraído. Não havia preconceitos e problemas, todos nos sentíamos livres e em casa. Esse ambiente familiar dava outro encanto a escola. Os funcionários sempre foram muito bem dispostos e simpáticos. Nunca esquecerei a D. Ofélia do bufete, a D. Cândida da papelaria ou a Carlinha da reprografia. Os professores nunca deixaram de se interessar por cada aluno individualmente. Apoiam e guiam cada estudante nas aulas e na execução dos respectivos trabalhos. São pessoas que praticam os valores humanistas, excelentes professores. Distinguem-se pela sua notável competência, como o empenho com que leccionam. Os professores incutiam aos alunos o interesse pela arte, fomentando as visitas a exposições ou outros eventos culturais, despertando cada aluno para a vida artística. Tudo isto mudou severamente os meus horizontes, abrindo-os de uma ímpar. O sistema de ensino especializado é muito eficaz nas Soares dos Reis, apostando-se num crescente nível de autonomia. Os professores de oficinas são profissionais extraordinários. O maior tesouro desta escola é o trabalho desenvolvido nas diferentes tecnologias que o espaço oferece. Foi aí que aprendi a conceber trabalhos da minha área - Design de Comunicação - da sua raiz ao produto final.

Acredito que esta escola é um marco importantíssimo na minha vida. Aqui despertei para o mundo das artes, cultivei ambição e mergulhei profundamente num novo estilo de vida e maneira de ver o mundo.

Todas as experiências que aqui tive, todas as pessoas que conheci, contribuíram para uma grande mudança na rota da minha vida. Será lembrada como o início de um percurso maior que a transcende.

Aluno de 12º Ano  
Ano lectivo 2007/2008

## NA HORA DA DESPEDIDA

**O**

que é dizer “adeus” a esta casa, teatro-templo do nosso saber e sabor artístico? É perguntar às suas paredes o que sentem e sonham (ainda sonham?) acerca de nós. É perguntar como reflectem o nosso pulsar, as nossas (in) quietações, os nossos medos e segredos, anseios e... E elas responderão, assim como coraram com os nossos primeiros beijos, mais ou menos furtivos e desajeitados, como ouviram os nossos desabafos e as nossas juras primaveris de um amor “fiel” e “eterno”, ainda que até logo ao dobrar da esquina... Ficarão por cá as mil visibilidades invisíveis que a luz/sombra dos dias nos foi trazendo entre a aprendizagem escolar (in)contida, curtida e curricular ou extra. A esquina da D. João IV com a Rua Firmeza não é, nem nunca foi, uma Times Square. O jardim do Largo Morêda nunca desejou ser Central Park. No entanto, esses são os nossos lugares “com história”, onde as nossas estórias contam. “Deus quer, o Homem sonha e a Obra nasce”, já se sabe. Na Soares dos Reis há uma superabundância de sentidos. Por todas as tempestades hormonais que nos vão projectando como homens e mulheres; pelos desafios com que vamos / fomos enchendo as mochilas da nossa alma; pelos vícios e virtudes que o comboio dos dias nos vai/foi despejando neste apeadeiro da vida... obrigado. Quantos rios, riachos, ribeiriços e fios d’água vieram desaguar no imenso oceano dos afectos que foi e é a “Soares dos Reis”? Por aqui passaram, ou têm passado, tantas procissões de avós, bisavós, tios, netos, filhos e sobrinhos. São como borboletas em busca de pólenes primaveris, à cata de cores solares e de vida, dispostas, numa imensa cadeia de gerações, aos prazeres da dança e da música, de formas e de produtos, de fogo e água, abrindo, em cada dia, uma nova porta ao divino Apolo para partilharmos juntos um festim de artes. Nós não somos nem seremos cangalheiros ou corifeus de qualquer tragédia anunciadora de maus presságios ou de desgraças futuras. Reconhecemos, contudo, por entre ténues sinais - de fumo de vento ou de bandeiras - que a Realidade se move em ritmos descompassados e nos revolta, por vezes, as cabeças cheias de dúvidas e de risos de intriga. A “escola” não é apenas um lugar e a sua circunstância, é o pitoresco de seus acasos, o ponto axial para onde convergem os nossos passos matinais. A Soares dos Reis é vida e alma de gente, espaço comunitário, familiar, identitário.

Nunca esqueceremos que foi nestes recantos, nestes recreios e corredores, nas salas e nas oficinas, nas tílias e nos chorões, tanto nas suas clari-dades como nas sombras, que todos nós vivemos este fabuloso “tempo das amoras”.

José Melo  
Professor de Filosofia

## A CAMINHO DO CENTENÁRIO 1917-2008

**F**

oi criado em contacto com objectos em Prata peças que o meu pai, Domingos Inácio dos Santos criou e executou. O meu pai tinha sido aluno na Escola Industrial de Faria Guimarães (Arte Aplicada) em 1917 tirando o curso de cinzelador entendeu que o filho Luciano devia cursar tal área, e assim foi com todo o prazer. O rapazinho humilde e bem educado, de cabelo claro e olhos azuis e um pouco distraído, lá conseguiu por ordem do pai, matricular-se na Escola Faria Guimarães em 1944 para tirar o curso de cinzelador. O meu percurso como aluno, foi importante para a minha formação, como homem, profissional e professor das tecnologias de ourivesaria nesta querida e especial escola Soares dos Reis. O percurso familiar de ligação á Escola, matriculei quatro filhos na Soares dos Reis mais uma neta. Estou convencido que em 2017 haja mais um familiar para festejar os 100 ANOS da Escola/Família. Com este testemunho, a escola foi e será o veio de transmissão para a formação da sociedade que por ela passou e passará. A Soares dos Reis foi um pólo de conhecimentos através dos professores, mestres a alunos. A minha passagem pela Soares dos Reis levou-me a ser aposentado como Prof. desta preciosa Escola, mas continuo a estar presente. O espaço físico mudasse, mas a Escola Soares dos Reis, continuará a presta e a imortalizar um homem que dignificou as artes. Não inúmero nomes porque todos os professores deixaram saudades e saberes á cultura e formação tudo que foi possível.

Luciano Inácio Martins dos Santos  
Antigo aluno e professor

## SER AUXILIAR NA SOARES DOS REIS

**A**

uxiliar de Acção Educativa, entrei para a Escola Secundária Soares dos Reis em Dezembro de 1987, encontrando-me ainda no activo. Quando entrei a vida activa da escola era muito diferente: existia o unificado com os problemas normais de miúdos daquela idade, além dos cursos do secundário composto por Técnico Profissionais e Via de Ensino. Havia ainda aulas ao sábado de manhã (actualmente só existe ao nível do secundário). Em todo este tempo que estou na escola, houve apenas uma fase que não gostei. Um ano depois de ter ingressado na escola, fui transferida para o turno da noite. Foi um período menos feliz, tive alguma dificuldade em chamar a atenção pessoas com muito mais idade. Passados estes anos houve muitas mudanças nas atitudes da comunidade escolar. Tudo isso implicou adaptações, bom senso e respeito. O meu lema de trabalho é: respeito para ser respeitada. Tenho tido sorte. Nos últimos três anos tive uma nova experiência nesta escola: além de funcionária, fui também encarregada de educação. Foi uma boa experiência. Costumei dizer que tenho em casa uma filha e que aqui, na escola, tenho muitos. Em vinte e um anos de carreira, vi passarem por esta casa muitas pessoas que deixaram saudades. Saber que grande parte delas conseguiu cumprir os seus objectivos dá-me uma grande satisfação. Acredito sinceramente que o espírito e a mística que têm acompanhado esta escola se mudará, com tudo o resto, para a nova escola. Felicidades ESSR.

Celeste Costa  
Funcionária da Biblioteca da escola

## NO CAMINHO DA EVOLUÇÃO

# S

ou auxiliar de Acção Educativa na Escola Secundária Artística Soares dos Reis há vinte e sete anos. Fui admitida em 1981, estavam ainda em funções o Professor Ilídio Fontes, o Professor Manuel de Francesco e o já falecido Professor Mário Truta. Foram estes professores que me entrevistaram. Recordo-me da minha insegurança após ter sido seleccionada. Com a ajuda dos meus colegas, consegui executar as tarefas que me eram delegadas e fui fazendo o meu percurso. Durante alguns anos fui representante dos auxiliares na Assembleia de Escola, sendo, ainda hoje, representante do mesmo núcleo no Conselho Pedagógico. Não posso deixar de salientar que esta escola contribuiu para uma grande evolução, tanto a nível profissional, quanto a nível pessoal. Neste sentido, agradeço desde já a todos os Conselhos Executivos a oportunidade de frequentar as variadas Acções de Formação. Ao longo destes anos, passei por vários sectores, destacando a minha actual actividade na Biblioteca, actividade que me permite alargar os meus conhecimentos. Agradeço a toda a equipa da Biblioteca, em especial a Professora Natália Lobo, que é um grande apoio. Gostaria ainda de referir que todas as contrariedades e momentos menos bons foram sempre ultrapassados, sendo este sentimento de positivismo e espírito de equipa que desejo que esteja presente na nova escola.

Ana Maria Sousa de Almeida Cardoso  
Funcionária da Biblioteca da escola

## SER DIFERENTE

# C

eguei a esta escola em 1990. Entrei no 9.º ano com a mochila cheia de ambição. Queria desenvolver as minhas aptidões artísticas, ensaiar desenho livre, promover a liberdade de expressão através de vários tipos de comunicação, modelar materiais como cerâmica ou prata, trabalhar em gravura ou serigrafia, experimentar materiais. Ambicionava absorver os conhecimentos das disciplinas comuns das áreas científico-culturais, como se se tratasse de uma escola normal... Quando em 1994 de lá sai, a

Escola Artística Soares dos Reis continuava a ser uma Escola diferente. Só quem lá passou, percebe o sentir destas palavras ... A escola é e era diferente e eu tornei-me, também, outra pessoa.

Nuno Alexandre Abreu  
Antigo aluno

## MEMÓRIAS DE UM PASSADO

# A

pós a conclusão do Ensino Primário, a segunda fase da minha formação teve início no ano lectivo 1948/49 na Escola Soares dos Reis. Não foi bem assim: por vontade de minha mãe, aluna da Escola Faria Guimarães do curso de bordados e labores, e em consonância com outros antecedentes familiares os meus progenitores encaminharam-me para uma formação na área artesanal/artística. Já o meu avô paterno, nos finais do século XIX, exercer a sua actividade na área artística da escultura do mármore, mas partindo demasiado cedo não teve a oportunidade de expor toda a sua criatividade artística. O meu pai, com formação na área da joalheria, teve por mestre um irmão de sua mãe, um dos melhores joalheiros da época. Todas estas circunstâncias tiveram como resultado final a minha matrícula na Escola Faria Guimarães vs. Soares dos Reis. As alterações introduzidas naquele tempo no sistema de ensino motivaram imensas contrariedades, não só aos pais e alunos, como à própria administração escolar. Os conteúdos, o *currículum* e até os métodos foram postos em causa, daí resultando por vezes um elevado insucesso escolar. Como estudante, senti imensas vezes impulsos para encontrar outra via de formação, resultando na perda de um ano escolar. Mas, naquela época, só os pais decidiam o que deveríamos seguir no futuro. Foi com alguma surpresa, após o início do ano escolar, que percebi que não estava matriculado na Escola Faria Guimarães mas sim na Escola Ramalho Ortigão, frequentando o 1.º ano do primeiro ciclo de dois anos, para posterior acesso aos cursos da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis. Durante aquele período transitório de três anos as dificuldades foram imensas, não só ao nível do funcionamento da escola, como de toda a convivência escolar. As quezílias entre alunos eram frequentes devido à escassez de espaços abertos, as instalações curriculares estavam muito degradadas e eram desmultiplicadas para dar cobertura ao elevado número de matrículas no 1.º ano. Toda a comunidade escolar residual dos alunos da Faria Guimarães tiveram de conviver durante essa época com esta confusão, a fim de concluir em tempo oportuno os seus cursos em vias de extinção. Vivia-se então aquilo que nos dias de hoje se chama "o dois em um". Dessa fase de formação do 1.º ciclo do secundário, que mais tarde veio a denominar-se Ciclo Preparatório, a esmagadora maioria dos alunos optou por seguir para outras

áreas, nomeadamente a comercial e industrial, abandonando a escola. Só um número muito restrito de alunos transitou para o 1.º ano da Soares dos Reis: uma única turma, que não ia além dos 35 alunos, distribuída pelos cinco cursos de formação. Nesta viagem ao passado não posso esquecer alguns professores que pela sua valia como mestres e elevada estatura humana marcaram a minha personalidade: o Dr. Carvalhais, Alexandre Serro, Profs. Coelho Figueiredo, Nunes Ribeiro e Armelindo Bentes, mestres Fernandes e França, além de muitos outros cujos nomes a memória já não consegue alcançar. Após aqueles anos do 1.º ciclo, a escola começou a remodelar as suas instalações e a adaptá-las às novas realidades, daí resultaram espaços mais abertos, salas de aulas amplas e arejadas, maior luminosidade, melhor equipamento escolar, uma dimensão condizente com os objectivos curriculares dos novos cursos. Mesmo assim, essa requalificação dos espaços e a construção dos novos edifícios prolongou-se por mais de uma década. Com o decorrer dos anos a escola ficou somente vocacionada para a vertente dos cursos artísticos, o funcionamento da Faria Guimarães extinguiu-se, os alunos do Ciclo Preparatório foram transferidos para nova Escola Ramalho Ortigão. Sofridas as diferentes alterações, a comunidade escolar estabilizou nos 120 a 150 alunos nos cursos de Formação e Aperfeiçoamento, a funcionarem em horário normal e pós laboral. Os resultados escolares estavam a um nível bastante razoável e, em alguns casos, bem acima da média. Para esta estabilidade muito contribuiu a acção do nosso estimado e querido director, o escultor Sousa Caldas, um óptimo pedagogo com uma característica muito peculiar: a sua proximidade aos alunos em todas as iniciativas e dificuldades. Mas se o director possuía estas características que o distinguiam dos seus pares, o corpo de professores que leccionava na escola era dotado de cambiantes heterogéneas que nos proporcionavam uma formação privilegiada para o futuro. Desse grupo numeroso atrevo-me a citar alguns nomes que pela sua dimensão intelectual, artística e de cidadãos responsáveis, ficaram para sempre gravados na nossa memória: Dr. Correia Alves, Pires Praça, António Brandão, Álvaro Gomes, Carvalhais, Almeida d' Eça, Ilídio Peixoto, etc. Os Professores Coelho Figueiredo, António Teixeira, José Santos, Bruno Reis, Isolino Vaz, Meireles, Mário Recarei, António Fernandes, assim como tantos outros que nos ajudaram a desenvolver a nossa identidade de homens de corpo inteiro. A todos eles aqui fica a nossa homenagem de profunda gratidão. Quanto aos colegas todos eles foram grandes companheiros na caminhada desta fase da nossa vida, cito aqui alguns deles por ordem de antiguidade na escola: Vitor Duarte, Francesco, Helder Pacheco, Aidé Fernandes, Olinda, João, José Rodrigues, Maria José, Domingos Pinho, Zulmiro Carvalho, Humberto Carneiro, Eduardo Lucena, Fernando Hígino, José Vieira, Alberto Ferreira, Fernando Teixeira, António Matos, Joaquim Ferreira, Alberto Carneiro, Mário Stuart, Luís Rodrigues, Jorge Magalhães, António Dixo, Tedim, Carlos Santos, Agostinho Monteiro, Agostinho Santos, Mário Silva, José Areias, Joaquim Santos, entre outros. A todos fica a gratidão por quanto me sinto privilegiado por os terido como colegas. Também gostaria de referir que na minha juventude tive uma grande paixão pelo desporto, daí ter representado a escola em diversos campeonatos regionais e nacionais de Atletismo da Mocidade Portuguesa, onde sempre contei com o apoio incondicional do Professor José Santos, o coordenador das actividades despor-

tivas da escola. Finalmente, a tradição familiar manteve-se: os meus filhos fizeram a sua formação na Escola Soares dos Reis, exercendo a sua actividade artística na área do ensino. Através destas memórias quero enaltecer o espírito empreendedor e formativo da Escola, homenageando simultaneamente todos aqueles, professores, funcionários e demais colaboradores, que deram o seu melhor em prol da comunidade escolar que a frequentou.

Armando Silva  
Antigo aluno

## O TEMPO PASSA... A MEMÓRIA FICA.

# A

s minhas memórias da Escola Soares dos Reis têm uma vivência diferenciada por dois tempos distintos. Rica e positiva, a escola guarda momentos de crescimento interior, quer como aluna no passado, quer como docente no tempo presente.

Quando nasci já trazia dentro de mim uma enorme vontade de ser artista e esta foi crescendo ao longo de toda uma vida, apesar de não ter sido do agrado dos meus progenitores. Fiz uma escolaridade vocacionada para as artes.

Passaram-se 44 anos desde que entrei pela primeira vez na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis como aluna. Estou aqui, como docente, há 17 anos.

Em 1969, depois de muito argumentar com os meus pais para seguir um Curso Artístico, consegui entrar na única escola vocacionada para as artes. Não era considerada, na altura, uma Escola apropriada para o sexo feminino, a sua vocação para as Belas Artes fazia com que fosse vista como uma escola revolucionária por excelência.

Em pleno regime salazarista, a escola Soares dos Reis podia já considerar-se (apesar de muitas restrições) uma escola "progressista": Soares dos Reis era uma escola mista quando a maioria das escolas, se não a sua totalidade era dividida entre ensino masculino e ensino feminino. Apesar de ser frequentada por alunos e alunas e estes se juntarem nas aulas, mantinha-se a distância e separação no acesso às mesmas "não fosse o diabo tecê-las". Mesmo com todas estas medidas não deixavam de existir fortes amizades e até namoricos entre colegas.

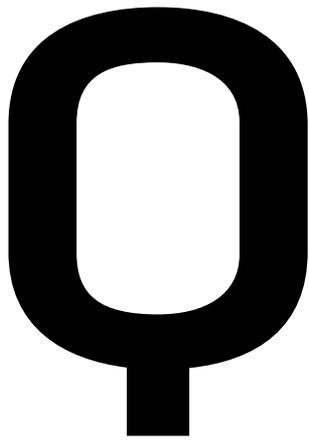
Em cinco anos completei dois cursos: o Curso de Pintura Decorativa e o Curso de Artes do Fogo - Cerâmica. Os currículos da época eram muito vocacionados para o Desenho. E em mim crescia diariamente o desejo de um dia poder leccioná-lo.

As aulas de Pintura e, posteriormente as de Cerâmica, abarcavam tardes ou manhãs inteiras, o que nos dava uma preparação ímpar para o acesso às Belas Artes, em comparação com cursos ministrados noutras escolas.

Escola com características peculiares – Arte, Artista, Artesão –, a Soares dos Reis tornou-se uma escola mítica à época em que a frequentei como aluna. Presentemente, como docente constato que, com constante mudança de cursos e de currículos, a Escola Soares dos Reis mantém a sua essência do ensino da Arte e da formação de Artistas. Quem visita a escola, ao percorrer os seus espaços, sente implicitamente o respirar de tantos artistas, viventes ou não, que por lá passaram e passam. Cada sala, corredor ou uma simples escada conta uma história, traz uma lembrança. Recordo com saudade desse tempo longínquo o corredor das salas 18 e 19: amplo, cheio de luz, ali se podia contemplar a bela estátua de “Laconte e as Serpentes”. Hoje esse espaço deixou de ser o mesmo e a referida estátua está arrumada a um canto da escola à espera de um profundo restauro. A sala 6 e 8 são outros espaços que marcaram a minha passagem pela escola durante a formação artística. Na sala 6 eram as aulas do pintor Martins da Costa e na sala 8 leccionava Figura o professor Isolino Vaz. Além destes, também recordo com muita saudade todos os outros professores que me deram formação na Escola Soares dos Reis. Ao escrever este texto das minhas memórias, estou também a prestar-lhes uma homenagem pelo modo como me ensinaram a crescer e a ver a arte de maneiras diferenciadas. Quando regresssei como Docente a escola tinha mudado radicalmente. Apesar de se continuar a sentir o espírito da Arte, já não era o mesma e isso entristeceu-me profundamente. A maioria dos seus espaços tinham sido alterados significativamente e as salas que outrora tinham sido específicas, passaram, a ser frequentadas pelas mais diversas disciplinas. O meu espaço inspirador – o corredor da estátua de “Laconte e as Serpentes” – foi completamente alterado. Para o recordar, recorro a um catálogo da época e desse modo avivo no tempo presente a lembrança do tempo passado. Como já referi, a mudança curricular, apesar dos objectivos do ensino inerentes à escola, alteraram-se. Hoje os alunos fazem uma espécie de “Kit Artístico”, ficando com um vasto conhecimento de diferentes campos da arte que passam pela Cerâmica, Textéis, Equipamento, Fotografia, Serigrafia, Multimédia, Ourivesaria, Imagem e Som, Artes Gráficas e Artes do Espectáculo. Comparativamente ao passado, em que os alunos da Escola Soares dos Reis saíam com conhecimentos aprofundados dos cursos da época, ingressando muitos deles logo no mercado de trabalho, com novos cursos e diferentes currículos, os alunos apesar de terem um ensino mais abrangente da arte, retêm mais o “saber ver” do que propriamente o “saber fazer” que era tão peculiar no ensino desta escola. Não quero mistificar o ensino de outrora, são realidades diferentes em tempos diferenciados. Hoje a Escola Soares dos Reis vai mudar de instalações, porque o espaço é cada vez menor face ao número de jovens que procuram os cursos e que vêem nesta escola um estatuto diferenciado no ensino da arte. É o fechar de um ciclo existencial. No próximo ano lectivo já não passarei no corredor da sala 6 ou da sala 8 ou outro espaço que retenho na memória como local marcante da minha passagem por esta escola. A escola muda assim como os seus docentes e demais funcionários. Mudam-se as instalações, mas prevalecerá a sua essência e o espírito intrínseco do ensino da arte.

Ana Lagarto  
Docente e antiga aluna

### O BARÃO VERMELHO OU MAURICE/ MANFRED VON RICHTHOFEN: HERÓI E VILÃO!



uem calcorreia os corredores velhotes da nossa “Soares dos Reis” não esquecerá este personagem mítico, rodeado de mistério e oculto numa mortalha baça de silêncio e de tragédia. Foi há muitos anos já, em pleno consulado do saudoso António Santiago Sottomayor, que Nosso Senhor tenha em bom lugar, como diz o povo. Pois aquele famoso piloto-aviador da I Guerra Mundial desceu acrobaticamente sobre a nossa escola, em diversos voos picados e rasantes, com textos anónimos e verumtamente verrinosos. O certo é que, de quando em vez, lá surgia mais uma “bicada”, isto é, uma folhinha A4, com uns exemplares dactilografados e espalhados, com desarrumo, na sala de professores... Sempre com a assinatura inconfundível de Maurice ou Manfred Von Richthofen, der Rote Baron, caíam raios e coriscos sobre a comunidade educativa e ninguém ficava a salvo: era o Conselho Directivo, era a Secretaria, eram os “artistas” do 5º grupo, era a professora responsável pelo N.A.D.A. (núcleo de apoio aos deficientes auditivos), eufemisticamente tratada por “senhorinha do R.I. E. N.”! Toda a gente levava “por tabela”... Os professores das disciplinas artísticas, de História de Arte, de Teoria do Design, de Oficina de Artes, etc., eram “convidados” pelo anónimo aviador a ir desenhar no chão da Rua de Sampaio Bruno, então uma moda importada, exemplo da chamada “arte de rua”. O Conselho Directivo apanhava forte e feio, por isto e por aquilo. Aos restantes docentes aconselhava-se leitura, muita leitura filosófica e literária: mas sempre clássicos e históricos, de tal forma que, entre a população visada, foram correndo as mais diversas teorias hermenêutico-estético-conspirativas. Tratar-se-ia de um conservador, de alguém cristalizado em compêndios da velha “filosofice” dos tempos do liceu! Alguns mais engenhosos, embrulhados nas Ciências da Linguagem, nos modestos estruturalismos que a faculdade lhes debitou, com algum tímido Barthes, com certo ousado Foucault, com ínfima Kristeva, desenrolavam a hipótese de se tratar de um pseudónimo colectivo, quicá “obra de mulheres” que, em aceno de um feminismo algo seródio e envergonhado, viriam à “praça pública” exercer o cívico “direito à crítica”, desinstalando a escola, propondo “alternativas” enfim à negritude dessa coisa que na época todos conheciam por “alienação”.

Quem seria? Quem ousaria desafiar? Ou “poluir os meus lençóis de linho”, no dizer de Camilo Pessanha? A Soares dos Reis andava num enorme reboliço, todos desconfiavam de todos, olhares de indignação, de espreitadela de fechadura, de suspeitas mais

inverosímeis: “la lá ser aquele, se até nem sabe latim, quando o “gajo” até cita em latim!”, “Aquela erudição é demais para ser de um tipo desses, hum! Não me parece...”, “Mas como é que “ele” sabe tanta coisa da vida da escola?”... Passados uns dias...zás!...lá vinha outro “recado”. Agora dirigido à fogosa “chefa” da secretaria, a quem alguns alunos, atentos às parecenças físicas e mais aos programas televisivos, chamavam “La Belle Dominique” (Pobre Ana, por andarás tu agora?) O que ficou da bordoadá moralizadora? Como foi possível “estancar” a hemorragia discursiva que, em vez de poetizar o quotidiano, o vinha atulhar de conceitos vazios, aturdindo as mentes ignaras, encharcando-as de convencimentos desmedidos e balofos? Pois, meus caros irmãos de ofício, o Barão Vermelho morreu! Como lá dizia o famoso “slogan” do Maio de 68: “Deus morreu, Marx também e eu próprio já não me sinto lá muito bem!” Morreu por suicídio! Esgotou-se, não chegou a professor “titular”. Como dizia Eça de Queirós nos “Maias” foi o medo do pingalim da polícia! Falou-se em chamar a Judiciária à escola e... acabaram-se os “bombardeamentos”! Quem foi, afinal? O segredo ficará colado a estes muros que o camartelo do “progresso” em breve irá derrubar.

José Melo

### PEQUENAS MEMÓRIAS DA VELHA “SOARES”



este prosaico *habitat* movia-se, pezinhos de lá, o Prof. Guimarães. Adivinhou-se-lhe pelos gestos e pelo porte fino um qualquer nobre compromisso com antepassados queiro-sianos, na métrica do rigor, da disciplina e do saber. A sábia presença deste colega, às vezes assobiador, quase sempre vociferante e mal disposto em aparência, reforçava a convicção profissional dos colegas mais moços e congregava o chamado “factor humano” do nosso local de trabalho num breve compromisso com a vida, na sua riqueza e diversidade. Os alunos adoravam-no e apreendiam-lhe as frases castiças, ouviam-lhe, como nós, com paciência de Job, as contínuas e prolongadíssimas noções de estratégia militar, de balística, de tudo o que representasse tecnologia da II Guerra Mundial, com avanços e recuos tácticos, batalhas em terra, mar e ar!

Imagino as suas velhas fórmulas de Física, debitadas numa caligrafia digna, como estivessem tão melhor guardadas nos seus armários mentais como o estavam os aparelhómetros que zelava e inventariava na velhinha sala 1, a “sala Francisco Torrinhã”, como reza a lápide que lá foi colocada com data de 1949. Pois atrevo-me a designar este “velho” Mestre – hoje retirado na sua digna “jubilação”, como símbolo vivo de tantos e tantos professores que por cá deixaram rasto. Evoco, com alguma saudade, a “com-

panhia” de certas espécies de bicharada que, pelas circunstâncias do crescimento urbano, estão em vias de extinção por estas paragens. Quem por aqui foi continuando a leccionar sabe do que falo. São os galinácios, os cães e os gatos. Os primeiros tinham seu poiso nos quintais da vizinhança, do lado nascente. Daí participavam tão amplamente nas aulas, intervindo em tão vivas jornadas de retórica que chegou a promover-se, com os alunos, a possibilidade de se fazer uma “pescaria” aos galarotes. Era assim: trazia-se de casa um anzol, linhas e grãos de milho. Depois, era só usar as janelas lá de cima, puxando o incauto franganote que tivesse ousado desafiar a sua gula e a seguir se combinaria a patucada que, pelas contas colectivas, haveria de ser uma gostosa arrazada de pica-no-chão, confeccionada de preferência longe da vizinhança! Quanto aos gatos, bem, estamos muito distantes já desse antigo “gatódromo” que era esse paraíso de muros e terraços: como esses felinos domésticos gozavam da bondade das sombras desse remanso dos velhos verões, ou dessas réstias de sol de inverno. Ali estava-se melhor que numas termas, recebendo lições à borla! Dos cães, desses eruditos vizinhos – alguns deles criados pela paciência ancestral do nosso “ancestral” Prof. Pacheco Pereira (pai) – apenas posso confundir que interrompi, com frequência, o ramerão das aulas de Filosofia para alertar a “freguesia” com a indubitável e cartesiana certeza de que eram os vira-latas, os rafeiros e quejandos que, mesmo lá de fora, mais participavam nas aulas.

Agora aquela preciosa recordação que envelheceu comigo, que ganhou ferrugem sob os meus olhos e para ali repousa na impiedosa e inclemente voracidade dos dias e dos caprichos atmosféricos é, sem dúvida, um velho “figurão” que, há mais de vinte anos, repousa as suas fadigas rodoviárias ali ao lado, naquilo que outrora fora uma garagem. Lá em baixo, sob as janelas da ala nascente, de onde fiz tantas visitas de estudo “ad hoc”, para vincar filosoficamente aos meus alunos que a vida existe “fora da sala de aula”, mesmo acautelando-os da insídia barata do “pobre” empirismo, lá bem no fundo do cemitério improvisado dorme o “meu” maior brinquedo: um Bugatti que, tal como o pessoano menino de sua mãe, “jaz morto e apodrece”.

“Deus quer, o Homem sonha, a Obra nasce” – esta lapidar divisa de Fernando Pessoa embeleza, num mural granítico, a esquina da rua Firmeza com a D. João IV. Que ela seja o Significante maior de um triunfo da estafada tese: Não é a arte que imita a vida; é a vida que imita a arte!

José Melo  
21 de Julho de 2008

## UM LUGAR ONDE FUI FELIZ

# N

ão há nada mais inabitável do que um lugar onde se foi feliz. A frase não é minha, é de Italo Calvino, ou pelo menos julgo que é, já não sei bem. Só sei que, desde a única vez que a li algures, nunca mais a esqueci. Porque foi em mim mesmo que li essa frase. Ou antes, porque senti que essa frase me lera, dera voz a uma obscura parte de mim. Até onde me lembro, nunca fui capaz de regressar a certos lugares. Precisamente aos lugares onde fui feliz de uma felicidade excepcional sem revivescência possível, para sempre perdida. Lugares de um amor ou de uma amizade, os lugares dos caminhos da infância, lugares-ambientes, lugares-territórios assombrados por olhares, vozes, rostos, sorrisos e palavras que o tempo levou. Tantos sítios e percursos, cenários de imensas recordações a que jamais regressei, em que não voltei a entrar ou a passar, que evito para não me cruzar com as sombras mais iluminadas da memória, ou comigo mesmo talvez, com um outro de mim que aí foi feliz e que aí definitivamente ficou. Por exemplo, a aldeia dos verões da meninice, a aldeia dos meus avós, onde aprendi a intimidade das árvores e a respiração da terra. Mas também – secreta geografia dos meus passos irrepitíveis – cafés, esplanadas, jardins, ruas, até cidades. E escolas. As escolas onde fui feliz. Como aquela que já não existe e a que todavia, transfigurada noutra, vou ter de voltar. Grande partida do destino. Ter de voltar a um dos lugares que me confrontam de dentro com a verdade inexplicável, puramente sensível, da frase de Italo Calvino. Ter de frequentar um espaço cartografado nessa geografia interior da melancolia, de nele coabitar com um outro que fui ou com as imagens felizes desse outro eu, irrespiráveis no lugar onde fui elas, irrespiráveis fora da memória. É talvez isso a vida, o imprevisível, o não calculável, aquilo que, enquanto fazemos os nossos planos, faz nas nossas costas outros planos imperativos para nós. Vou ter de aprender a caminhar nos corredores da nova escola como quem caminha objectivamente nas suas próprias divisões. Vou ter de aprender a ver e a ouvir, lá onde foram reais, vultos, silhuetas, rostos e vozes tão reais como os rostos e as vozes presentes, mas só visíveis e audíveis aquém dos olhos e dos ouvidos, aquém de mim e além das coisas. Vou ter de aprender a habitar o inabitável, e a ser feliz aí.

**Sousa Dias**  
Ex-professor da extinta escola secundária Oliveira Martins de 1989 a 1995 professor na escola secundária Soares dos Reis desde 2002 Setembro / 2008

## TRÊS SETEMBROS DE COMEÇO...

# A

inda lembro de me encontrar na Escola Secundária Soares dos Reis num remoto Setembro de 1987. A minha primeira aula. Estava apreensivo e, ao contrário do normal, não desenhava no meu bloco de apontamentos. Olhava com curiosidade para os outros que iam escrevinhando nas suas folhas e achava, de longe, que todos os desenhos que iam fazendo eram fantásticos e que estava no meio de artistas. Inocência própria da juventude, a verdade é que se tratava também de muito respeito pela escola e pela sua tradição no ensino das artes. Sentia-me numa escola de eleição. Com o tempo esqueci-me dos medos. Encarei a escola com naturalidade e fartei-me de desenhar. Fui feliz, namorei muito, trabalhei e brinquei dentro e fora das aulas, zanguei-me e protestei ainda mais. Enganei os meus pais dizendo que ia ser arquiteto quando, na realidade, queria ir para as Belas Artes fazer pintura e fui. Em 2002 aconteceu-me a mesma coisa. Fui colocado na Soares dos Reis. Pensei na altura: "Agora é que se vai ver se realmente consigo ser um bom professor de artes!". Tinha protestado tanto, tinha inventado tantas teorias. Estava na altura de pôr tudo em prática. Quinze anos antes tinha ido pela primeira vez ao Fantasporto com um colega da Soares dos Reis apaixonado pelo cinema. Fiquei colado no cinema e nunca mais larguei. A primeira coisa que me propõem na Soares dos Reis é ser professor de Projecto do curso de Imagem e Comunicação e também professor de Design de Comunicação Audiovisual e perguntaram-me: "Percebes alguma coisa de cinema?". Genial! Dar aulas de cinema na Soares dos Reis. Tantos anos a ler os livros, a ver os filmes e agora uma oportunidade. Ensinar as histórias e as teorias do cinema e da fotografia na Soares dos Reis era um sonho que nem eu sabia que podia um dia realizar. Orientar projectos de filmes e fotografias, projectos multimédia, tem sido uma experiência única. Os meus alunos têm sido verdadeiramente os meus colegas de trabalho neste percurso e esta escola é uma casa, com lutas e discussões e muitas alegrias e sucessos, sempre a querer ser melhor e dar mais aos alunos. Todos em torno de uma escola e de uma experiência diferente eternamente à espera do momento em que vamos dar o salto, o momento em que finalmente os espaços, os equipamentos, os currículos todos se alinham para uma escola perfeita. Esse momento está à nossa porta e o nervoso e sentido de responsabilidade que senti nos Setembros de 1987 e de 2002 instalam-se agora de novo na vertigem desta nova fase. A Soares já o era mas agora vai ser ainda mais a melhor escola do Mundo!

**José António Fundo**  
Antigo aluno, professor desde 2002 e vice-presidente do Conselho Executivo desde 2005.

## A ESCOLA SOMOS NÓS

# E

xistem equívocos naturais. Confundimo-nos cada vez mais quando, numa conversa com amigos, num desabafo, numa investigação ou reflexão, pronunciamos o nome Soares dos Reis. Fenomenal escultor, indubitavelmente revolucionário no contexto artístico português do século XIX, fundador dos principais pilares da arte dos tempos que lhe seguiram, António Soares dos Reis começou bem cedo - pelos seus treze anos - a aprender o que da técnica do desenho se ensinava na academia. O António, foi, durante a sua vida, um homem fora do contexto da época que não o gerou. Os que o conheceram descrevem-no como alguém que cultivava uma reflexão muito mais evoluída, sem preconceitos, dinâmica e livre. Se não quiséssemos por algum motivo acreditar no que dizem, temos todo o seu espólio para o confirmar, afirmar e reafirmar. O genial António é patrono da Escola Artística da cidade onde trabalhou e estudou - o Porto. Coincidência ou planeamento, a verdade inquestionável é que entre António e a Escola Artística muitas características se encontram alinhadas. Confesso que frequentemente me questiono se comparar António - um ser - com a Artística - um espaço - não é incorrer na pura falácia de misturar alhos com bugalhos. A Artística é uma escola com qualidade, profundidade, estabilidade e inserção. A Artística é regada, tal como as raízes de uma árvore, e produz oxigénio. Dá-nos ar para respirar. O espaço da Artística é muito mais do que se descortinado num simples olhar. Não recordo o cheiro do primeiro momento em que aqui entrei. Guardo poucos momentos de verdadeira excepção. Não sei de cor cada pedra, nem sinto pelo tacto cada cerâmica do corredor. Sinto-me totalmente incapaz de ver naquele espaço uma segunda casa. Apenas consigo ver a Artística como a minha única escola. Consigo lembrar o nome de todos os professores, funcionários e colegas. O espaço intimida-me. Não só aquele espaço da escola, mas todo o espaço. É complexa a discussão sobre um tema tão subtil, tão delicado. Divido-me entre os que vêem o espaço como uma memória imprescindível, inalterável, intocável, e aqueles que têm uma visão mais progressista. Este é, aliás, o enorme paradigma da cidade histórica contemporânea e, sem dúvida, um dos temas que a arquitectura terá de discutir e aprofundar por muitos anos. Quero destacar o que não me motiva dúvidas maiores: a criação da relação com o espaço é mental, dependendo de nós. Do nosso peso e altura, à nossa formação cultural e social, o espaço não ganha características próprias e universais por si só. Esta relatividade de conceitos faz-me crer que o 'hiperespaço' - aquele das dimensões infinitas - e o das relações interpessoais detêm um poder fenomenal, conferido pela inteligência.

A Artística, para mim, jamais é. A Artística são as pessoas, quotidianos, vivências, experiências, intercâmbios, conhecimentos, relações, inter-relação, intra-relação.  
A Artística somos nós.

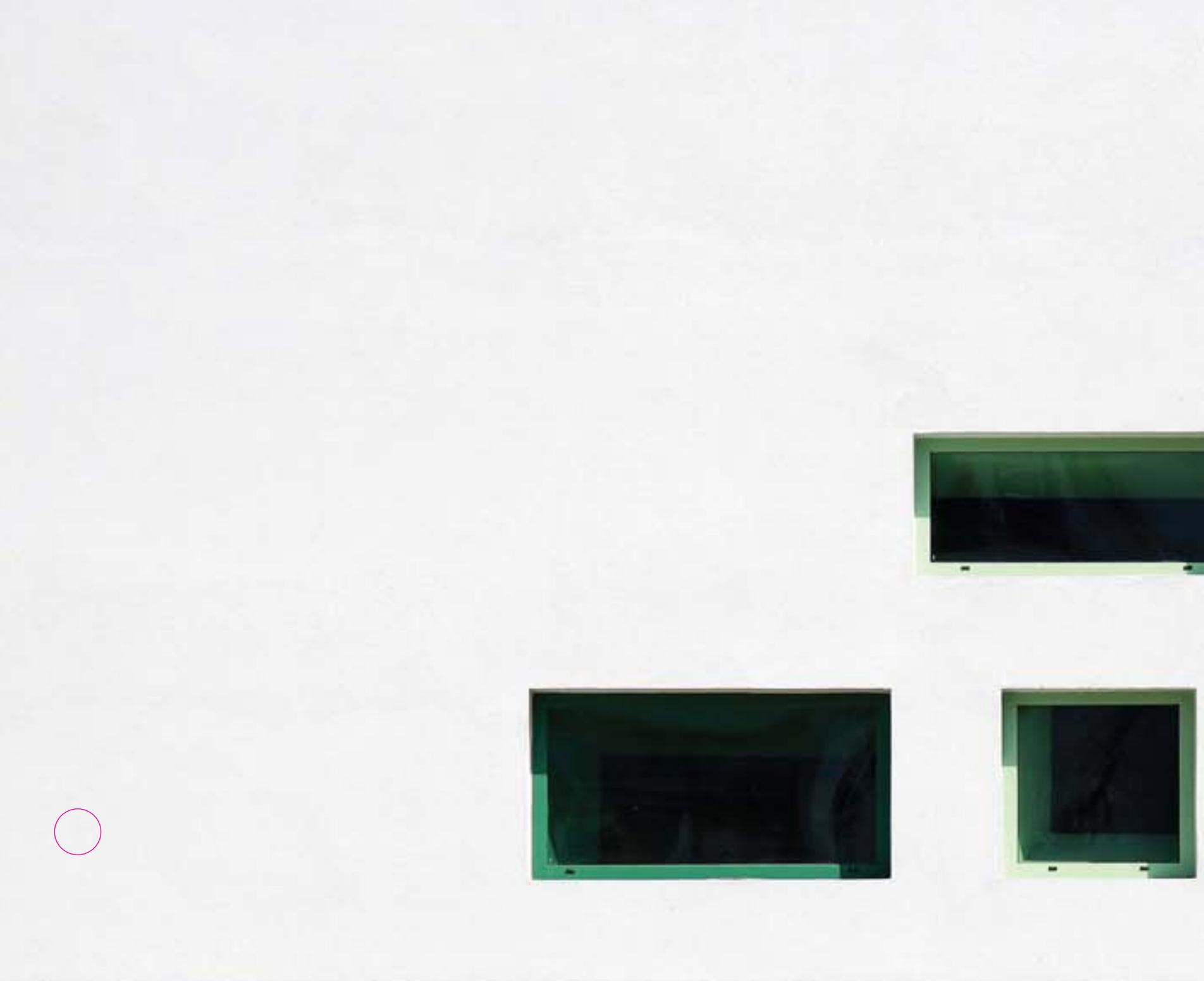
Aluno do 12º ano  
Ano lectivo 2007-2008

## NO CAMINHO DA EVOLUÇÃO

# S

ou auxiliar de Acção Educativa na Escola Secundária Artística Soares dos Reis há vinte e sete anos. Fui admitida em 1981, estavam ainda em funções o Professor Ilídio Fontes, o Professor Manuel de Francesco e o já falecido Professor Mário Truta. Foram estes professores que me entrevistaram. Recordo-me da minha insegurança após ter sido seleccionada. Com a ajuda dos meus colegas, consegui executar as tarefas que me eram delegadas e fui fazendo o meu percurso. Durante alguns anos fui representante dos auxiliares na Assembleia de Escola, sendo, ainda hoje, representante do mesmo núcleo no Conselho Pedagógico. Não posso deixar de salientar que esta escola contribuiu para uma grande evolução, tanto a nível profissional, quanto a nível pessoal. Neste sentido, agradeço desde já a todos os Conselhos Executivos a oportunidade de frequentar as variadas Acções de Formação. Ao longo destes anos, passei por vários sectores, destacando a minha actual actividade na Biblioteca, actividade que me permite alargar os meus conhecimentos. Agradeço a toda a equipa da Biblioteca, em especial a Professora Natália Lobo, que é um grande apoio. Gostaria ainda de referir que todas as contrariedades e momentos menos bons foram sempre ultrapassados, sendo este sentimento de positividade e espírito de equipa que desejo que esteja presente na nova escola.

**Ana Maria Sousa de Almeida Cardoso**  
Auxiliar











**RENOVAR:**